



Jornal Universitário de Coimbra

CABRA



Nº145 TERÇA-FEIRA,

31 DE JANEIRO 2006

Edição Gratuita

Ano XV

Directora: Margarida Matos

FISCAL INVESTIGA FALHAS NA QUEIMA DAS FITAS 2005

O Conselho Fiscal da Academia de Coimbra instaurou um inquérito para apurar alegadas irregularidades na organização da última Queima das Fitas.

Contratos de concessão não celebrados e uma gestão pouco rigorosa são alguns dos erros apontados pelo órgão fiscalizador à Comissão Organizadora.

O desempenho da Comissão Fiscalizadora da Queima é também um facto criticado no parecer, divulgado na passada quarta-feira, 25 de Janeiro **Pág. 6**

JOAO MADUREIRA



“A ACADEMIA É UM PÓLO CULTURAL A APOIAR”

Uma semana depois da tomada de posse da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Fernando Gonçalves falou dos novos projectos para a “casa” e para a política educativa. A renovação do

edifício sede da Academia e a remodelação dos jardins são projectos prioritários.

O presidente da direcção-geral tem ainda como objectivo equilibrar as contas da associação, considerando importante ter

um saldo positivo para permitir o apoio financeiro às secções.

Uma estratégia de comercialização do símbolo da associação é outro dos planos da nova equipa **Pág. 10**

Ciência

A utilização médica de células estaminais divide opiniões. A CABRA foi tentar descobrir porquê.

Por um lado, alguns realçam as potencialidades terapêuticas e falam mesmo de uma “nova era”, a medicina regenerativa. Mas outros lembram os problemas éticos, levantados sobretudo pela utilização de embriões humanos.

No entanto, um ponto parece ser unânime: falta em Portugal legislação na área das células estaminais.

Pág. 19

Ensino Superior

Dentro de dois anos será criado em Coimbra o Tribunal Universitário Judicial Europeu.

O projecto prevê a interacção com a maior parte das faculdades da Universidade de Coimbra, contribuindo para a formação prática dos estudantes. A instituição ficará situada no Colégio da Trindade

Pág. 5

Desporto

A CABRA foi falar com dois líderes da Biosa. O treinador Nelo Vingada e o capitão Paulo Adriano falam dos reforços, das expectativas do plantel para a segunda metade do campeonato e contam um pouco da sua vida em Coimbra

Pág. 14

PÁGS. 10 E 11 -> Tema

Epopéia dos excluídos

Cinco séculos após o primeiro contacto com o homem branco, os índios brasileiros continuam a tentar proteger as suas tradições e a sua cultura. Mas são muitos os problemas que enfrentam em pleno século XXI, numa sociedade que nem sempre entende a diferença

SUMÁRIO

Destaque	2	Ciência	12
Opinião	4	Desporto	14
Ensino Superior	5	Cultura	15
Cidade	7	Viagens	16
Nacional	8	Estatuto Editorial	17
Internacional	9	Artes Feitas	18
Tema	10		

PUBLICIDADE

**Via Latina
Ad Libitum**

mare nostrum
À venda a partir de 1 de Março

2

DESTAQUE - Entrevista

Fernando Gonçalves

“A Academia tem que ser gerida

A iniciar o seu segundo mandato como presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Fernando Gonçalves propõe-se equilibrar a situação financeira, otimizando os recursos. O estudante de Direito tem ainda planos para a remodelação do edifício, os jardins, para o início das obras do Estádio Universitário e a conclusão do Campo Santa Cruz

Por Olga Telo Cordeiro, Sandra Henriques e Margarida Matos (Texto) e João Madureira (Fotografia)

Para o segundo mandato, Fernando Gonçalves defende que a política educativa da Academia deve ser uma preocupação de todos os elementos da equipa. Quanto ao processo de Bolonha, afirma estar cada vez mais preocupado pelo facto do Governo não ter nenhuma estratégia para esta questão.

Qual o balanço do teu primeiro mandato?

Foi um mandato globalmente positivo. Na administração, tivemos uma política de contenção de custos e o resultado está à vista. Passámos de um saldo negativo de cerca de 30 mil euros, do mandato anterior, para um saldo positivo de 138 mil euros, o que nos permite fazer face a dívidas pendentes e distribuir verbas pelas secções. Na política educativa, apostámos numa maior campanha de informação e consciencialização dos estudantes. Este ano, passaremos à acção.

Como perspectivas a relação com a Reitoria no próximo ano?

Quando assumimos funções, os estudantes tinham cortado relações institucionais com a reitoria. A falta de diálogo prejudicava os estudantes e a universidade. Portanto, regressámos aos órgãos de gestão da Universidade de Coimbra (UC), mas sem esquecer os erros cometidos pelo reitor. Vamos continuar a defender os interesses dos estudantes, procurando soluções, como as que achámos para o Campo de Santa Cruz ou para os estudantes carenciados.

Isso pode passar por reatar as relações oficiais com a reitoria?

Não. Neste momento, há relações institucionais entre a AAC e a UC. O que não há é o abrilhantar de cerimónias. Não tenho esperança que possa acontecer uma alteração. O que eu pretendo é continuar uma relação estritamente de trabalho.

Achas que conseguiste dinamizar as secções culturais e desportivas, objectivo a que te propunhas?

Tivemos de entrar em período de contenção, visto que cada vez há menos verbas por parte de entidades públicas. Eu pedi às secções que percebessem as dificuldades económicas. Mas, estão a ser dados passos importantes no desenvolvimento do Estádio

Universitário e do Campo de Santa Cruz. Queremos também estabelecer um plano de pagamento das dívidas antigas da direcção-geral para com as secções. Além disso, há ideias para a realização de grandes eventos culturais, já este ano, a ser trabalhadas com entidades públicas. Este ano, pretendo levar mais as secções às faculdades e à cidade. Quero que toda a gente interiorize que a Academia é um pólo cultural que deve ser apoiado.

Victor Hugo Salgado defendia a remodelação do edifício actual e a construção de uma outra sede no Pólo II. Qual a tua opinião?

O que eu considero extremamente importante é que a AAC esteja perto dos estudantes. Pretendo sentar-me com a reitoria para pensar soluções que permitam que todas as secções tenham um espaço no edifício, tal como a existência de um espaço polivalente. Este edifício deve ser a sede, porque liga a Academia ao passado de Coimbra.

Isso não invalida a necessidade de chegarmos mais perto dos outros estudantes, nomeadamente com a construção de um edifício no Pólo II. No entanto, face à actual situação económica da AAC e da reitoria, não me parece que seja um projecto a concretizar nos próximos anos. Prefiro apostar em algo concreto, a candidatura da UC a património da UNESCO, e, aliás, celebrei um protocolo para a integração do edifício na candidatura.

“É importante que os

estudantes que não têm voz

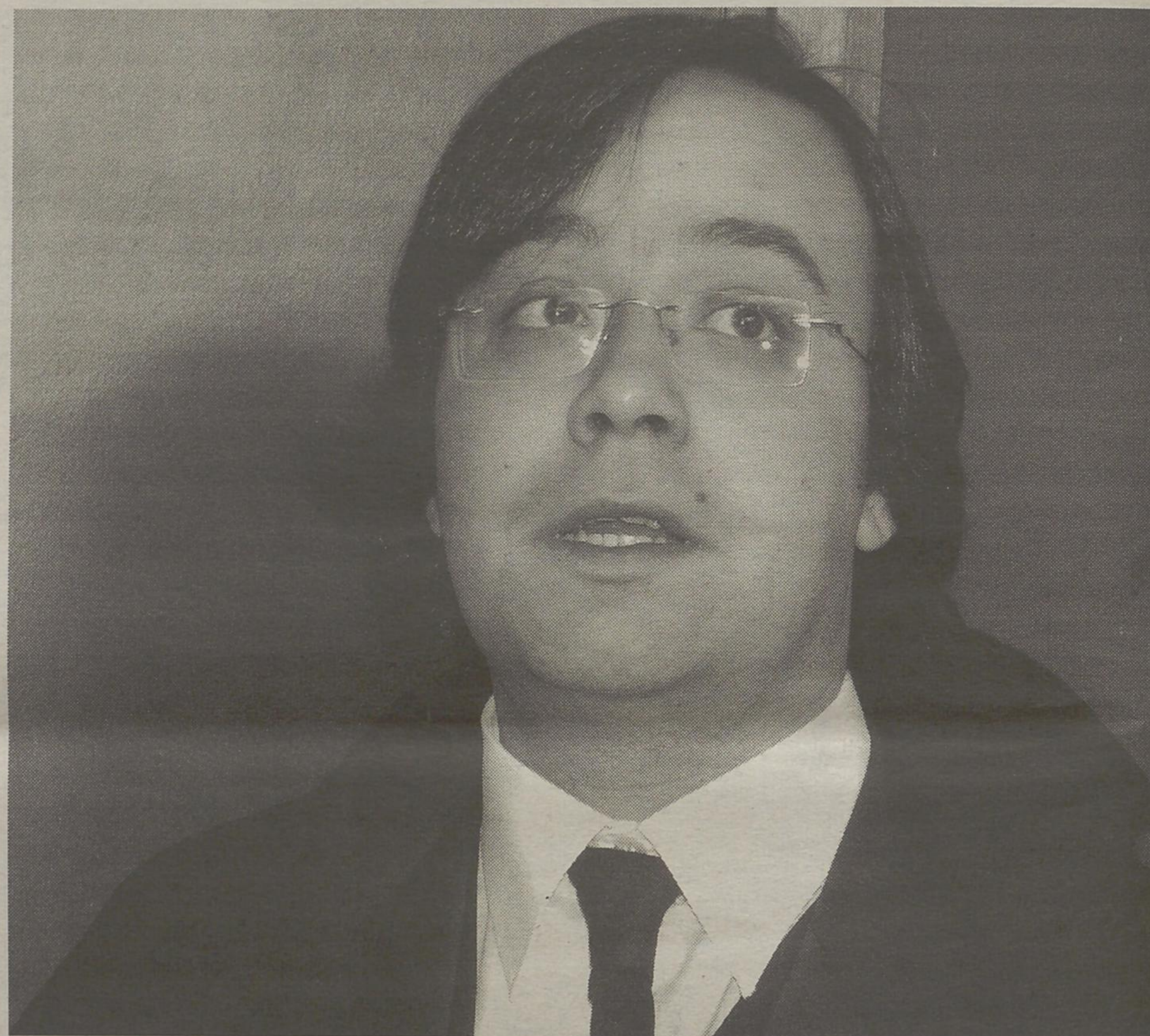
possam estar na rua com os

seus dirigentes

associativos”

Como perspectivas o movimento associativo nacional para o novo ano?

O movimento associativo depende muito das pessoas que o lideram e houve uma mudança nos rostos deste movimento. Parece-me que estão de facto preocupados com a actual situação do Ensino Superior.



“É importante que o trabalho de política educativa seja assumido por todas as áreas”

Nestas condições, estaremos sempre dispostos para colaborar. Nunca a AAC se negou a uma acção de luta. Agora, se as outras não quiserem, não é por isso que nós vamos deixar de o fazer. É importante que os estudantes que não têm voz possam estar na rua com os seus dirigentes associativos, a gritar e a não calar a sua revolta.

Esta DG/AAC não vai ter um pelouro de política educativa. Na prática, como é que vai funcionar?

É importante que o trabalho de política educativa seja assumido por todas as áreas. A matriz fundamental da Academia é a reivindicação e a participação cívica. Isto exige um trabalho de consciencialização, assumido como objectivo fundamental. Esta foi uma lógica que no mandato passado não imprimimos, visto que cada pelouro assumiu um rumo próprio.

Mas vais ser tu o responsável máximo por esse pelouro?

Ser presidente da direcção-geral implica ser o responsável em diversas áreas. Mas é extremamente complicado assumir sozinho essas funções e tem que existir uma delegação de competências. Neste mandato, estão

já algumas pessoas a fazer um trabalho de investigação e recolha de dados relativos à realidade do ensino superior, no nosso país e também na União Europeia. Existe toda uma estrutura montada que permite ter a qualquer momento uma campanha de informação e de divulgação. As decisões resultam de um trabalho colectivo, mas serei eu a dar mais o rosto pela política educativa.

No último Senado Universitário, os estudantes abstiveram-se em relação à implementação de Bolonha na UC. O que pretendes fazer face a este processo?

Bolonha é incontornável porque o Governo assinou a nível da União Europeia vários compromissos e está a implementar as directrizes que lhe são impostas. No entanto, tenho muitos receios e dúvidas. É extremamente complicado haver um recuo nesta matéria. No entanto, assumir a inevitabilidade de Bolonha não significa que é bom.

Mas há questões muito complexas. O financiamento é a mais falada, porque vai influenciar os estudantes no seu dia-a-dia. Portugal não pode querer ser europeu se não financiar as instituições como os outros países, se não der aos estudantes condições

de forma sustentada”

de investigação e preparação extracurricular.

Há também o problema da competitividade entre as instituições universitárias e de como vai ser a sua avaliação. Vai servir para premiar as melhores e punir as piores? Se sim, vai ser muito difícil para Portugal estar no processo de Bolonha.

A cada semana que passa fico mais preocupado pelo facto do Governo não ter qualquer estratégia e transferir tudo para as instituições. E isto, ao contrário do que o Governo diz, não é favorecer a autonomia mas sim desresponsabilizar o Estado, inculcando nas universidades um espírito de competição.

O que pode fazer a Academia de Coimbra?

Devem ser as universidades a exigir a responsabilização do Governo. Os estudantes já têm uma política de acção e não andam a reboque do Governo, que por sua vez, anda a reboque da Europa. No entanto, teria mais força se todas as instituições, enquanto representantes dos docentes, funcionários e estudantes, exigissem uma política concreta. O que está a acontecer é que cada universidade está a tentar puxar para si um determinado benefício. E é isto que queremos denunciar. É muito importante que a UC diga claramente quais os desafios que Bolonha coloca à instituição e que responda a um conjunto de questões, desde a mobilidade ao financiamento.

O saldo da direcção-geral foi positivo, mas descreveste a situação financeira da AAC como preocupante. Qual a vossa estratégia?

Quero criar condições para que as futuras direcções-gerais possam apoiar as estruturas que necessitem. Durante o meu primeiro ano, houve uma grande contenção e o saldo positivo deve-se, em grande parte, ao resultado da Festa das Latas. Mas não há uma estabilidade contínua, independente das festas. E isso é preocupante.

É necessário equilibrar as contas. Durante este ano tentámos diminuir o défice mensal, mas não conseguimos, nem aumentar as receitas ordinárias nem diminuir as despesas ordinárias. Conseguimos somente aumentar as receitas extraordinárias e diminuir as despesas extraordinárias.

Durante o segundo mandato, pretendemos otimizar os recursos. É importante haver um saldo positivo que possa depois ser posto à disposição das secções. Este ano vamos distribuir algumas verbas, mas muito do saldo vai para pagamento de dívidas. É importante estabilizar a situação. Só assim se faz o futuro de uma forma sustentável.

Qual é a situação financeira da Academia?

A associação é constituída por diversas estruturas que formam pequenos universos dentro da própria instituição. Mas a situação financeira, salvo excepções, não é preocupante, comparada com o que se passa nas instituições públicas a nível nacional. Não podemos ver a AAC como uma associação de estudantes sem história nem responsabilidade. Nenhuma associação desenvolve tanto trabalho como nós. Mas assumimos que temos limitações económicas. Poderia começar com projectos de construção de edifícios e esperar que o dinheiro viesse de Lisboa mas não me parece uma atitude responsável.

“É muito importante que a

UC diga claramente

quais os desafios que

Bolonha coloca”

O ano passado apresentaste um projecto para os jardins da AAC. Em que ponto está agora?

Os jardins têm problemas de segurança. Portanto, vamos realizar um plenário geral de secções desportivas e culturais, e todos os grupos da casa, para que haja uma decisão conjunta sobre a sua revitalização. Vamos fazer obras no edifício da AAC e pequenos arranjos nos jardins. Há um projecto, que já vinha do mandato do Miguel Duarte, de construção de um bar nos jardins, e não foi para a frente, nem na altura nem agora, por falta de verbas. Estão a ser pensadas alterações, mas adaptadas ao projecto de remodelação da AAC. Até ao Verão poderão começar a ver-se algumas obras nos jardins.

O Campo Santa Cruz deverá estar finalizado este ano. O que falta para ser inaugurado?

Tenho tentado pressionar as entidades. Tem havido um apoio financeiro fundamental por parte da UC, porque o Campo de Santa Cruz é muito importante para a AAC. Não só porque vai permitir a prática desportiva de secções e estudantes, mas sobretudo porque liga os estudantes à mística da Academia. Vamos entrar agora na fase de conclusão do projecto de remodelação. Este é um dos projectos mais importantes da AAC ao longo dos últimos anos.

Sabe-se há muito que há uma utilização indevida da imagem da AAC. O que é possível fazer?

Estamos a criar uma estratégia para potenciar o símbolo da AAC, que passa por uma ligação mais estreita do símbolo com a UC, que possa dignificar a nossa imagem.

Muitas vezes, nem se sabe qual é o símbolo da associação, porque há tantas deturpações para não se pagar os direitos jurídicos. Temos de tentar proteger-nos e potenciar a venda desse símbolo. Não a banalização, mas a exploração comercial.

Esta foi a Latada mais lucrativa de sempre. Qual foi o segredo?

Houve uma equipa de pessoas que já conhecia ou que eram da confiança de membros da direcção-geral. E, inclusivamente, muitos super-coordenadores da DG/AAC fizeram questão de participar para que corresse bem. O resultado apresentado superou as nossas expectativas. Esta é uma festa particular, mas tivemos a sorte de correr bem. Sabíamos que era importante um resultado positivo, que iria influenciar o nosso saldo de exercício final. As contas da direcção-geral estavam mais ou menos equilibradas, mas não permitiam, face às dívidas anteriores, qualquer tipo de investimento.

Menos positiva foi a Queima das Fitas. O que correu mal?

A Queima envolve muitas estruturas e é

uma festa que tem de ter determinados eventos que outras não têm. Acho que várias coisas correram mal. Não gosto de julgamentos populares, nem de pôr em causa pessoas e instituições sem conhecer as situações.

O que é importante é esclarecer o que se passou, se houve alguma responsabilidade a nível da organização ou das entidades que trabalharam com a festa académica, e que não passem impunes.

Mas é necessário repensar a organização da Queima?

O resultado da Queima das Fitas 2005 foi conhecido a três meses da festa deste ano. É complicado definir rumos agora, sob pena de se pôr em causa a realização da próxima Queima. Acho que deve haver uma reflexão aprofundada por parte das estruturas da AAC e dos estudantes, com pessoas que já estiveram na Queima, na direcção-geral, e antigos representantes das estruturas da festa académica.

Este é um modelo complexo, que exige responsabilidade de todos e não tem um responsável máximo, o que é complicado numa estrutura que quer funcionar bem e apresentar resultados de forma transparente. Acho que deve haver alterações significativas dentro da Queima das Fitas e, quando houver discussão, ou se formos nós a promovê-la, terei muito gosto em dizer o que penso sobre o assunto.



Editorial

Lições para
o futuro

O Conselho Fiscal não poderia deixar passar em branco as falhas na organização da Queima das Fitas. E não o fez. No âmbito do parecer negativo que apresentou, instaurou um inquérito para apurar a existência de irregularidades, e os seus responsáveis. No entanto, é fundamental que esta medida não seja mero "folclore" e não caia no esquecimento, nomeadamente da parte dos novos membros do Conselho Fiscal. É inadmissível que, aberto o inquérito, este não venha a ter efeitos práticos e verdadeiramente punitivos. A credibilidade e o prestígio desta instituição centenária assim o exigem.

Conhecidos os responsáveis, e chegando-se finalmente a conclusões claras sobre o que se passou, é preciso mais do que simples advertências ou até a própria suspensão de sócios efectivos. De sanções morais está o Inferno cheio.

O próprio parecer do Conselho Fiscal adverte que a Comissão Fiscalizadora não fez tudo o que estava ao seu alcance para evitar o saldo negativo. Talvez esta posição seja o sinal que algo está mal e é preciso mudar. Alterar a estrutura e a própria gestão da Queima é hoje uma questão em aberto.

A verdade é que a principal festa académica coimbrã deixou há muito de ser meramente praxística. Inevitavelmente, a Queima das Fitas representa hoje em dia uma pedra basilar na estabilidade financeira da Associação Académica de Coimbra, nomeadamente na actividade das secções culturais e desportivas.

O próprio Dux Veteranorum, João Luís Jesus, afirma que "está na altura de repensar a Queima das Fitas", garantindo que o Conselho de Veteranos está disponível para a discussão. A Academia tem de olhar para si mesma e pensar no que quer ser no futuro, para que tais situações jamais se repitam. Terá a Queima que ser gerida por estudantes e profissionais? Ou somente por profissionais? Dado o sucesso da organização da Latada, não deve ter também a Direcção-Geral um papel mais importante no planeamento daquela festa? Não valerá a pena conceder maior destaque à Queima na próxima revisão dos estatutos?

Este é um momento de reflexão, não só da Queima como da própria Associação Académica, com o início do processo da revisão de estatutos, em que é crucial adequar a sua estrutura face às exigências da sociedade actual.

Margarida Matos

Carta à Directora

Fazer Opinião com
Responsabilidade

A Associação Académica de Coimbra é única no país por um sem fim de razões, o que nos faz ter orgulho em ser seus sócios, em sermos representados por ela, em sentirmos o peso deste centenário símbolo numa qualquer competição desportiva ou num qualquer espectáculo cultural. Esta singularidade era alicerçada, em termos de participação estudantil, numa Universidade toda ela concentrada na Alta Universitária. Nesses tempos idos de outrora, era mais fácil e acessível para todos os dirigentes e demais responsáveis chegar junto dos seus colegas, fazer passar a mensagem da Academia e mobilizá-los para a participação. Hoje, ao contrário do passado, a participação cívica da população em geral é escassa e tem repercussões enormes na, também reduzida, participação estudantil. Os tradicionais métodos de mobilização e consciencialização estão obsoletos; importa pensar em frente e no futuro.

A Academia de Coimbra é também única ao ter três meios de Comunicação Social. Com a televisão a dar os primeiros e seguros passos, com a RUC a ser um pilar importante no rádio-jornalismo da cidade, é o Jornal Universitário "A Cabra" o principal órgão *fazedor* de opinião junto dos sócios da AAC. É uma escola de vida na arte de noticiar, como o provam os inúmeros colegas que de lá saíram para os melhores jornais nacionais. No entanto, "A Cabra" é, antes de tudo isto, parte integrante de uma Secção da AAC, com os benefícios e responsabilidades acrescidas que isso implica. Uma Secção que, como todas as outras, tem o dever e a obrigação de partilhar o caminho definido para a Academia pelo seu órgão máximo, a Assembleia Magna. Uma Secção, da qual faz parte o Jornal "A Cabra", com a visibilidade e leitura que hoje possui, que tem ainda mais essa obrigação, pois é muitas vezes o maior contacto que milhares de colegas têm com a sua Academia. Não nos podemos esquecer da responsabilidade colectiva de bem informar, mas sem nunca pôr em causa os valores, princípios e objectivos da AAC da qual "A Cabra" faz parte integrante.

Desde Setembro que o Editorial do Jornal "A Cabra" tem repetidamente criticado a Direcção-Geral da AAC. Primeiro, pela não realização da Serenata do Caloiro no Pólo II; em seguida pela intenção de realizar a Manifestação de 9 de Novembro. Continua com a crítica solitária aos dirigentes da DG/AAC pelo menor êxito da Manifestação e termina com a crítica feroz ao comportamento da DG/AAC, e do seu presidente, na Queima das Fitas 2005. Não concordar com a linha política definida pela DG/AAC é aceitável e salutar em democracia. Agora, usar o poder de umas linhas de jornal para o fazer é que

me parece inaceitável. Não me lembro de ouvir a Directora d'"A Cabra" a referir todas estas situações nas várias Assembleias Magnas que ocorreram neste entretanto. Pelo contrário, refugiou-se numa página de jornal tanto mais confortante quando menor a capacidade de resposta permitida a quem é atacado. É, pois, um ataque que extravasa a própria DG/AAC. Vai mais longe, pois contraria as definições políticas da Assembleia Magna, que continua a ser o órgão máximo da Academia, a que nem o Jornal "A Cabra" ou a sua Directora se podem sobrepor nem desrespeitar enquanto Secção e Sócia da AAC.

Quando todos esperávamos por parte do Jornal Universitário, que, confio, é a favor de um Ensino Público, Gratuito e de Qualidade, uma clara tomada de posição favorável à realização de acções de contestação, aparece o inverso. Quando todos esperávamos que fosse assumido por este Jornal a responsabilidade repartida na Manifestação de Lisboa, eis que só a Direcção-Geral é visada. Talvez por ser o alvo mais fácil. Mas, quem se arroga no direito de criticar, não o deve fazer de forma leviana nem sem apontar todos os responsáveis. Tal como leviana foi a crítica à DG/AAC no caso da Queima das Fitas. No Editorial, nem uma referência crítica a mais ninguém a não ser a Direcção-Geral. Porquê? Foi ela a principal responsável? Não tem também a Secção de Jornalismo, por intermédio do Conselho Cultural, um representante na Comissão Fiscalizadora? Então, como pode a Directora do Jornal "A Cabra" não assumir ela também as suas responsabilidades?

Tenho de a questionar: a DG/AAC nada fez de bom durante todo o mandato? É que sobre isso nem uma linha foi escrita! Ou então será que o Jornal "A Cabra" prefere manchetes negativas para a Academia, como é o caso da Queima das Fitas? Não devemos ter receio de ter honra e prazer em fazermos parte da melhor Academia do País. E, se não formos nós a termos orgulho no que fazemos, quem será?

Concluo com uma certeza: o Jornal "A Cabra" é o jornal da Academia. Quem nele trabalha partilha dos princípios da Academia de Coimbra. Quando discorda do caminho e rumo traçado, pode sempre dizê-lo e apontar rumos e caminhos distintos na Assembleia Magna e nas páginas deste Jornal. Agora não queiramos fazer deste Jornal o local onde mais se ataca quem dirige esta casa que, afinal, é de todos, e também do Jornal "A Cabra". Só com uma Comunicação Social forte e perto dos estudantes conseguiremos retomar o caminho da participação estudantil consciente, informada e mobilizada. E, se não for "A Cabra" a fazer isso, quem será?

João Pita, estudante de Engenharia Civil, Ex-Coordenador Geral do Pelouro da Informação da DG-AAC 2005

PUBLICIDADE



Cooperativa de Habitação dos Estudantes da Universidade de Coimbra

Quartos a preços de estudante

2 vagas em quarto duplo (masculino ou feminino)



Casa equipada com:

- 5 WC's
- Sala/Cozinha (Fogão, Forno, Microondas, TvCabo)
- 2 Salas de Estudo (Computador c/ internet)
- Lavandaria (Máquina de lavar e secar)



CONTACTOS: 91 478 66 50
96 32 333 08

Tribunal Europeu ensina estudantes

Nova instituição deve começar a funcionar em 2008

Os alunos da Universidade Coimbra poderão complementar a sua aprendizagem com o Tribunal Universitário Judicial Europeu

Ricardo Machado

A Universidade de Coimbra (UC) e o Ministério de Justiça assinaram, no passado dia 22, um protocolo que prevê a criação do Tribunal Universitário Judicial Europeu, no espaço de dois anos.

A instituição vai funcionar não só como um meio de aprendizagem, mas também como um tribunal de primeira instância. O projecto partiu de uma ideia de Joaquim Gomes Canotilho, professor na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC).

O futuro tribunal vai ser instalado no Colégio da Trindade, local escolhido para a construção do futuro Colégio da Europa.

De acordo com Gomes Canotilho, este é "um passo importante, não só no ensino superior, como também no estatuto da UC". O docente explica a importância da futura instituição para a formação dos alunos, especialmente com a entrada em vigor "das orientações de Bolonha".

O constitucionalista alega que "é preciso um novo método de aprender. Em alguns casos é preciso chegar à ideia do aprender fazendo". Desta forma, Gomes Canotilho realça a componente prática que a nova instituição irá fornecer aos alunos, nomea-



O Colégio da Trindade vai acolher o Tribunal Universitário Judicial Europeu

damente aos estudantes de Direito. "Muitas universidades têm apenas uma sala para realizar julgamentos ou audiências fictícias", argumenta.

No entanto, o professor esclarece que não serão apenas os estudantes da Faculdade de Direito da UC a beneficiar com o Tribunal Universitário. Os vários saberes da universidade vão ser convocados, o que implica, por exemplo, o apoio do Instituto de Medicina Legal em questões relaciona-

das com bio-medicina.

Também a faculdade de Psicologia terá o seu papel em vários problemas que se verifiquem no futuro tribunal. Gomes Canotilho considera que "a prestação que uma faculdade como essa pode dar é fundamental em determinadas questões, quer sejam familiares ou relacionadas com acompanhamento psicológico de pessoas", entre outras situações.

A nova instituição pode, ainda, contar

com a participação da faculdade de Economia, "porque há muito tempo que se têm feito vários estudos contextualizados com problemas da justiça".

Por fim, o constitucionalista revela que não poderia ficar de lado a faculdade de Ciências e Tecnologia, cujo curso de Informática, por exemplo, pode contribuir para a optimização dos instrumentos informáticos.

Por outro lado, também a imagem da Universidade de Coimbra será privilegiada com a inovação da futura instituição, defende Gomes Canotilho. O professor realça a importância de elevar a "marca da casa", uma vez que a evolução do ensino e da formação profissional é exercida no "sentido da competitividade". E acrescenta ainda que "é bom voltar ao progresso, voltar a dizer que vale a pena vir para Coimbra".

Além destas questões, relativas à cooperação de várias faculdades no funcionamento do Tribunal Universitário e à componente prática capaz de oferecer uma melhor aprendizagem a diversos estudantes, o professor destaca também a interação que os alunos vão ter com a sociedade civil.

Desta forma, Gomes Canotilho acredita que o projecto é um impulso, não só no ensino superior em Portugal, mas também no progresso da justiça em termos de inovação e conhecimento.

O constitucionalista considera que "hoje o mundo é mais vasto" e acredita que o Tribunal Universitário vai contribuir para que um aluno da UC tenha, no futuro, oportunidades profissionais a nível internacional.

Conselho Fiscal abre inquérito a comissários da Queima

O organismo fala na inexistência de alguns contratos e promete sancionar os comissários da Queima das Fitas 2005 responsáveis

Olga Telo Cordeiro

O Conselho Fiscal decidiu instaurar um inquérito para apurar a existência de irregularidades na actuação da Comissão Organizadora da Queima das Fitas 2005. As sanções serão impostas individualmente aos membros da comissão incumpridores, e podem passar pela advertência ou pela suspensão do estatuto de sócios efectivos.

O órgão apurou que alguns dos contratos relativos a concessões da Queima das Fitas

não foram celebrados, e que outros não estão devidamente validados. O Conselho Fiscal referiu ainda que a gestão do orçamento da Queima das Fitas 2005 "não foi rigorosa, culminando numa derrapagem orçamental, na qual se destaca o Pelouro da Produção", de acordo com o parecer do Conselho Fiscal da Associação Académica de Coimbra (AAC) sobre o Relatório e Contas da Queima das Fitas, divulgado a 25 de Janeiro.

O antigo presidente do Conselho Fiscal, José Malta, responsável pelo documento, esclareceu que existem falhas relativas ao Regulamento Interno da Queima das Fitas. O órgão sugere que o documento seja sujeito a uma revisão extraordinária, "por considerar que este se encontra desajustado em relação às necessidades e objectivos" da festa académica. O estudante de Farmácia

adianta que foram também identificadas outras "falhas que fogem aos estatutos do regulamento", que estão a ser investigadas. No entanto, o Conselho Fiscal considerou que o caso da fraude num sistema de entradas no recinto "não foi o principal motivo que determinou a não obtenção de receitas previstas".

De acordo com o órgão, a Comissão Fiscalizadora da Queima não "tomou as diligências necessárias para evitar" o resultado final. A comissão foi ainda criticada por ter, face ao saldo negativo, feito cortes transversais nas verbas acordadas com as secções culturais e desportivas e núcleos.

"Repensar a Queima das Fitas"

O Conselho de Veteranos da Universidade de Coimbra mostrou concordância com a to-

mada de posição do Conselho Fiscal da AAC, e afirmou, em comunicado, estar disponível para colaborar na tarefa de reflexão sobre a Queima, bem como no trabalho de revisão do regulamento da festa académica.

O Dux Veteranorum, João Luís Jesus, considera que "está na altura de repensar a Queima das Fitas", mas afirma, no entanto, que as alterações não podem ser feitas pelo Conselho de Veteranos. O estudante de Engenharia Electrotécnica adiantou que o organismo praxístico está disponível para reflectir e, "se necessário, promover a discussão em torno deste assunto".

Entretanto, os comissários para a Queima das Fitas 2006 já tomaram posse. No entanto, faltam ainda à equipa dois elementos, representantes das faculdades de Direito e Desporto.

UC aposta na investigação em ciências da construção

As obras do novo instituto, dedicado à área da construção, deverão começar dentro de um ano. Embora impulsionado pela reitoria, o ITeCons será autónomo

Olga Telo Cordeiro

A Universidade de Coimbra (UC) está a apostar na criação de um Instituto de Investigação e Desenvolvimento Tecnológico em Ciências da Construção (ITeCons). O organismo, sem fins lucrativos, pretende ser um elo de ligação entre a instituição universitária e o tecido empresarial nacional.

António Tadeu, o professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC) que está à frente da comissão instaladora, afirma que a iniciativa foi desenvolvida "no sentido de permitir que a universidade passe a interagir com a sociedade civil e com a indústria".

O instituto de investigação vai trabalhar nas áreas da acústica, hidrotérmica e de materiais, no sentido de encontrar soluções para os problemas das empresas e participar em projectos de investigação aplicada. Outra das funções do organismo será dar formação específica na área da construção. António Tadeu esclarece que a formação vai ser "dirigida à obra em si, a técnicos ligados à actividade laboral" e que "não será dada formação que já é disponibilizada na universidade".



ITeCons pretende ligar a Universidade de Coimbra e o tecido empresarial nacional

Apesar de a criação do ITeCons ter sido lançada pela UC, será uma entidade autónoma. O organismo vai ter um corpo técnico próprio, contando, no entanto, com o apoio do Centro de Investigação e Ciências da Construção e de outros grupos que existem na universidade. No entanto, será o reitor da UC, Seabra Santos, que ficará à frente da assembleia-geral do instituto.

Para além de empresas de construção, o instituto, com 50 membros associados, é constituído igualmente por outras instituições, nas quais se incluem a Câmara Municipal de Coimbra e outras autarquias da região Centro.

Depois de feita a escritura pública, no passado dia 11, a comissão instaladora

está agora a trabalhar numa candidatura ao Programa de Incentivos à Modernização da Economia (PRIME). A proposta, que deve ser apresentada até Março, inclui a compra de equipamento e a construção do edifício no Pólo II da universidade, em um terreno que foi cedido pela reitoria. Os dois investimentos serão financiados em parte por fundos comunitários. No entanto, 25 por cento das despesas deverão ser sustentadas pelo próprio instituto.

Após a avaliação do projecto, os responsáveis pensam que será possível lançar o concurso público para a obra em Setembro ou Outubro de 2006, e que a construção arranque no início do próximo ano.

Prémio UC consagra Estudos Clássicos

Rui Simões

Maria Helena da Rocha Pereira, especialista em História e Cultura Clássica, venceu o prémio Universidade de Coimbra (UC), que distingue uma personalidade que se tenha destacado nas áreas da Cultura ou da Ciência. Esta é a terceira edição do prémio e a primeira vez que é contemplada uma mulher e uma personalidade ligada à UC.

Nascida em 1925, Maria Helena da Rocha Pereira é professora catedrática jubilada da Faculdade de Letras da UC e dedicou toda a sua vida ao ensino e à cultura. Os vastos estudos da docente incidiram principalmente sobre as culturas grega e latina, assim como na influência destas na literatura portuguesa.

Definida pelo reitor da UC e presidente do júri, Fernando Seabra Santos, como uma "figura incontornável da cultura portuguesa e europeia", com uma "dedicação infatigável às ciências clássicas", Maria Helena da Rocha Pereira foi a primeira mulher a fazer provas de doutoramento numa universidade portuguesa.

A premiada diz-se "honrada" com a distinção, principalmente por esta ter consagrado alguém da universidade e dos Estudos Clássicos. Contudo, Rocha Pereira garante que, mais do que nos prémios, a recompensa está "no prazer do trabalho e da investigação".

A docente jubilada da universidade publicou uma extensa lista de obras na área da cultura clássica e foi presidente do Conselho Científico da faculdade de Letras e vice-reitora durante o mandato de José Gouveia Monteiro, de 1970 a 71.

Maria Helena da Rocha Pereira é a primeira personalidade da UC a receber o prémio da instituição. Contudo, Seabra Santos esclarece que a escolha é independente, até porque o júri do galardão é maioritariamente composto por pessoas de fora da universidade.

Esta é já a terceira edição do Prémio Universidade de Coimbra. Em 2004, o vencedor foi o neurocientista Fernando Lopes da Silva, enquanto que, em 2005, foram distinguidos o historiador António Hespanha e o encenador Luís Miguel Cintra.

O galardão, no valor de 25 mil euros, é promovido pela UC, em conjunto com o banco Santander-Totta e o "Jornal de Notícias". A entrega do prémio vai ser a 1 de Março, aquando das celebrações do 716º aniversário da Universidade de Coimbra.

Revisão de estatutos arranca em Março

As eleições de uma assembleia para a revisão extraordinária dos estatutos da Academia foram marcadas na última Assembleia Magna

A última Assembleia Magna, realizada no passado dia 18, aprovou o início do processo de revisão dos estatutos da Associação Académica de Coimbra. As eleições para a Assembleia de Revisão de Estatutos ficaram assim marcadas para o dia 15 de Março.

Embora a revisão deva ser feita em períodos regulares, de cinco em cinco

anos, a última revisão aconteceu já em 1997. Em 2001 foi constituída uma Assembleia de Revisão de Estatutos, que, no entanto, não chegou a publicar em Diário da República o resultado da reflexão. Assim, estão actualmente em vigor os estatutos definidos em 1997.

Todo o restante processo eleitoral, que estabelece a data limite de apresentação de candidaturas e o período de campanha, será regulamentado pela Mesa da Assembleia Magna. O processo de elaboração do regulamento eleitoral vai ser iniciado esta semana.

Depois de eleita, a Assembleia de Revisão de Estatutos tem o mandato de um ano. Até ao final desse período, de-

ve apresentar as alterações aos estatutos que vão vigorar nos próximos cinco anos.

O organismo responsável pela revisão é constituído por 33 sócios efectivos da AAC, 20 dos quais eleitos pelo método de Hondt. Os restantes 13 membros são representantes da Direcção-Geral, do Conselho Fiscal, dos órgãos autónomos, do Conselho de Veteranos, do Conselho de Repúblicas, das secções culturais e desportivas, e dos núcleos de estudantes.

O recentemente empossado presidente da Assembleia Magna, Pedro Cunha, vai presidir aos trabalhos da Assembleia de Revisão de Estatutos.

Autarquia aposta na prevenção

Candidatura ao programa AGRIS é o primeiro passo contra os fogos de Verão

Após os incêndios de Agosto passado, a câmara está também em vias de se candidatar a um plano de reflorestação

Rui Antunes
Sofia Piçarra

A Câmara Municipal de Coimbra (CMC) apresentou a candidatura ao Programa AGRIS, que vai distribuir fundos estatais na prevenção contra incêndios florestais. Em simultâneo, a autarquia prepara uma candidatura ao Programa AGRO, destinado à reflorestação das áreas ardidas. Desta forma, o município recorre a vários projectos de prevenção para evitar cenários idênticos aos do último Verão.

Os incêndios de Agosto passado fustigaram a área periférica de Coimbra, o que levou o pelouro da Protecção Civil a apostar na prevenção. Inserido no III Quadro Comunitário de Apoio, o Programa AGRIS prevê o financiamento dos meios de prevenção em matas nacionais e perímetros florestais sob a administração do Estado e autarquias.

As medidas consistem na limpeza de matas e lixeiras, abertura de caminhos, que



Com o programa AGRIS, a autarquia quer evitar cenários idênticos ao do Verão passado

possibilitem uma compartimentação da mata, mas também uma maior facilidade de acesso, bem como a construção de pontos de água para combate aos fogos. Segundo o vereador para a Protecção Civil, Álvaro Seco, trata-se, "fundamentalmente, de um programa de prevenção e preparação para o combate". Para o coronel, o programa é um instrumento importante, "tendo em vista o tratamento da floresta contra o risco de incêndio".

A candidatura da câmara foi já enviada ao Governo, aguardando agora uma resposta. O responsável pela Protecção Civil diz que são grandes as probabilidades de a proposta ser aceite, visto que "a zona florestal é extensa, e, apesar de ser uma zona periférica, encontra-se próxima de áreas urbanas. Portanto, a somar aos riscos do fogo florestal, há ainda a influência que podem ter em áreas com alguma ou mesmo muita ocupação humana".

O projecto camarário pretende actuar em oito freguesias do concelho, nomeadamente Santa Clara, São Martinho, Cernache, Antanhol, Ribeira de Frades, Taveiro, Ameal e Arzila, correspondentes a áreas não atingidas pelo fogo.

Enquanto aguarda a aprovação da candidatura ao Programa AGRIS, o vereador afirma que a entidade camarária "está a fazer extracção de alguns elementos em áreas em que é possível intervir", já que estas exigem um esforço económico que considera suportável pela autarquia.

Candidatura a outros programas

O Programa AGRO, ao qual a CMC se está a candidatar em simultâneo, tem como objectivo a reflorestação das áreas destruídas pelos incêndios. A autarquia pretende que a área atingida seja reabilitada na totalidade.

A candidatura está ainda numa fase inicial. Como primeiro passo, a autarquia está a fazer um levantamento da zona afectada e a colaborar com o Jardim Botânico no sentido de identificar as espécies vegetais necessárias para a reconstituição da paisagem.

Brevemente, a autarquia vai ainda candidatar-se ao Fundo Florestal Permanente, de forma a promover o ordenamento, a defesa e sustentabilidade da floresta.

Jovens populares contestam murais

Raquel Mesquita
Ana Beatriz Rodrigues

O Núcleo de Estudantes Populares da Universidade de Coimbra (NEPUC), com o apoio da Juventude Popular (JP), pretende enviar uma carta aberta ao Ministério Público, Câmara Municipal de Coimbra e Polícia devido aos murais existentes na cidade.

A medida tem como base um conjunto de acontecimentos que, na opinião dos jovens populares, tem aumentado nos últimos tempos. O presidente do NEPUC, Fernando Neves, afirma que, "com as eleições para a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra e as presidenciais, houve um aumento dos murais dentro da zona histórica e um pouco por toda a Universidade".

Candidata a Património Mundial da UNESCO, Coimbra é uma cidade que vive essencialmente dos estudantes e do turismo. "O problema é, neste momento, a imagem da cidade estar denegrida, cheia de cartazes e murais com frases políticas, apolíticas e as-

sinaturas", acrescentou Fernando Neves.

Também alvo das críticas dos populares foi o facto de ser feito um mural sobre um candidato presidencial, algo que o presidente da JP de Coimbra, Hélder Faria, criticou. "É importante referir que a parede tinha sido pintada há menos de um mês, o que implicou custos. Nem a polícia nem a câmara interferiram", refere.

Investigar, apurar responsabilidades e condenar os responsáveis são medidas que os estudantes populares querem ver implementadas por parte das autoridades e da Universidade. Segundo Hélder Faria, "é a imagem da Universidade e da cidade que está em jogo", considerando haver outras formas de publicidade e propaganda que não implicam a deterioração do património.

Tratando-se, fundamentalmente, "de uma questão de civismo", o NEPUC defende ainda a disponibilização, por parte das entidades competentes, de locais próprios para o efeito, à semelhança do que acontece em Lisboa e no Porto.

Projecto da Casa da Escrita avança

Marta Costa

A requalificação da Casa do Arco (futura Casa da Escrita), situada na Alta de Coimbra, vai avançar. O projecto, da autoria do arquitecto João Mendes Ribeiro, foi aprovado por unanimidade, na passada semana, durante a reunião do executivo da Câmara Municipal de Coimbra (CMC).

O objectivo da requalificação é transformar a Casa da Escrita em um dos grandes focos culturais de Coimbra. O funcionamento do futuro espaço passa por criar ambientes de leitura e investigação literária, pretendendo-se que se torne um centro de estudos sobre os autores que dedicaram a sua escrita à cidade. Ao mesmo tempo, é ambição da autarquia que a Casa da Escrita se projecte para o futuro como o núcleo de novos valores e personalidades literárias.

O edifício na Alta de Coimbra possui já uma grande herança artística. O antigo

proprietário, um escritor neo-realista, João José Cochofel, tornou a Casa do Arco em um autêntico cenário cultural.

Segundo o vereador da CMC para a Cultura, Mário Nunes, "no momento em que esteja pronta a ser utilizada, a Casa da Escrita terá uma biblioteca, imagoteca e ludoteca, para os mais novos". O social-democrata refere ainda que o projecto cultural terá, entre outras actividades, "tertúlias, encontros e conferências". Integrado na Casa da Escrita, acrescenta o vereador, "haverá também um local para acolher escritores que estão banidos dos seus países pelos sistemas políticos lá existentes".

Neste momento, está em Coimbra Pedro Marqués de Armas, um escritor cubano exilado, crítico do regime de Fidel Castro, que vai permanecer na cidade por mais dois anos. "Estando pronta a Casa da Escrita, ele pode ir automaticamente para lá. É um espaço específico para a cultura", conclui Mário Nunes.

Nova entidade para regular media

A ERC promete zelar pela liberdade de imprensa e sancionar eventuais transgressões

Já são conhecidos os cinco nomes que vão compor a futura Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC). O organismo será eleito dia 2 de Fevereiro, na Assembleia da República, e vem substituir a Alta Autoridade para a Comunicação Social (AACS)

Ana Maria Oliveira

Azeredo Lopes, Estrela Serrano, Elísio Cabral de Oliveira, Rui Assis Ferreira e Luís Gonçalves da Silva são os nomes presentes na lista de candidatos ao conselho regulador da ERC, apresentada em conjunto por PS e PSD.

No dia 2 de Fevereiro, os membros deverão ser ouvidos em audição pública na 1ª Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias, de acordo com a lei 53/2005, que cria a ERC.

De entre as diversas competências, a ERC tem como objectivos assegurar o direito à informação e a liberdade de imprensa, zelar pelo pluralismo e diversidade do sector da comunicação social e vigiar a independência dos meios de comu-



A entidade vai também poder actuar em áreas como a publicidade ou a Internet

nicação face aos poderes económicos e políticos.

Uma das diferenças entre a AACS e a ERC é a inclusão de um conselho consultivo para participar na definição da actuação da nova entidade. Neste órgão, vão ter assento representantes dos jornalistas e dos empresários dos media, dos organismos de auto-regulação, das associações de consumidores e académicos. Os poderes da ERC em matéria de regulação e supervisão dos media serão superiores

aos da AACS. A área de actuação do organismo vai ser alargada para incluir a publicidade e suportes como a Internet e os telemóveis.

Outra grande mudança é a possibilidade de haver uma regulação mais efectiva em matéria de deontologia, com a criação de sanções para os jornalistas que não a respeitem. Segundo o advogado e especialista em Direito da Comunicação António Marinho Pinto, esta "é uma inovação de grande alcance que, se for usada com

critério, pode conduzir a alguma disciplina no jornalismo português, que é uma verdadeira selva". A aplicação real de sanções, coimas e até a retirada da carteira de jornalista em caso de transgressão "pode vir a ser um factor determinante na mudança para melhor do nosso panorama informativo", explica o também jornalista.

Os membros da ERC só tomam posse depois de eleitos no Parlamento, por maioria de dois terços, e dois dias depois da publicação em Diário da República. O conselho regulador é composto por um presidente – Azeredo Lopes –, um vice-presidente e três vogais, eleitos por um mandato de cinco anos.

A AACS será extinta na data de tomada de posse dos membros do conselho regulador e do conselho fiscal da ERC.

O advogado António Marinho Pinto refere que a AACS estava "muito mal", pois era um "organismo partidário, altamente politizado, que não tinha efectiva independência em relação aos partidos maioritários".

Segundo o presidente da AACS, Armando Torres, os passos da passagem de poder entre as duas entidades não estão definidos, pois a Assembleia da República ainda não "comunicou nada oficialmente". No entanto, Armando Torres revelou que a "renovação não será tácita".

Função Pública contesta aumentos

Sandra Ferreira

Os trabalhadores da administração pública vão manifestar-se sexta-feira, 3 de Fevereiro, em Lisboa. O protesto é promovido pela Frente Comum de Sindicatos da Administração Pública (FCSAP) e ocorre na sequência da actualização salarial efectuada pelo Governo.

O coordenador da FCSAP, Paulo Trindade, considera o aumento de 1,5 por cento nos salários e de 12 cêntimos no subsídio de refeição uma "imposição arrogante" por parte do executivo. Uma vez que o aumento se situa abaixo da inflação, os funcionários públicos vão perder poder de compra, pelo sétimo ano consecutivo, defende o sindicalista.

Para além dos aumentos salariais, os trabalhadores contestam também o congelamento de carreiras e a colocação dos trabalhadores em supranumerários, algo

que contribui para o aumento da instabilidade da profissão. Outra das medidas criticadas é o corte nos direitos, em matéria de aposentação e assistência à família.

Paulo Trindade considera que as deliberações do Governo "ameaçam seriamente" os direitos e são uma ofensa à "dignidade pessoal e profissional" dos trabalhadores. Assim, o coordenador da Frente Comum espera uma forte adesão ao protesto.

Apesar de o FCSAP não esperar uma alteração significativa e imediata, Trindade afirma ser essencial mostrar que o executivo não pode "governar contra a maioria do país", contra os trabalhadores.

Para já, não estão agendados novos protestos. Contudo, o sindicalista assegura que, se o Governo não alterar a sua posição, que classifica de "arrogância e prepotência", vão ser marcadas outras formas de luta.

Governo lança incentivos ao turismo

João Campos

O executivo governamental vai promover novos apoios a 10 produtos de turismo, no âmbito do próximo Quadro Comunitário de Apoio, em vigor a partir de 2007. A iniciativa, inserida no novo Plano Estratégico Nacional de Turismo, vai decorrer até 2015.

O anúncio foi feito no passado dia 18 pelo secretário de Estado do Turismo, Bernardo Trindade, durante a abertura da Bolsa de Turismo de Lisboa. O projecto vai passar, nos próximos seis meses, por uma fase de discussão pública e de concertação, envolvendo todos os agentes públicos e privados.

A base da acção passa pelo potencial turístico do país, apostando no aparecimento de novos pólos de desenvolvimento em várias regiões do território.

As 10 áreas foram seleccionadas entre

um conjunto de 50, devido aos seus atractivos e ao interesse estratégico. Assim, gastronomia e vinho, turismo cultural e paisagístico, saúde e bem-estar, turismo da natureza, congressos e eventos, turismo residencial, visitas de dois ou três dias ("citybreaks" ou "shortbreaks"), golfe, turismo náutico, sol e mar são as áreas de acção envolvidas para a próxima década.

Os incentivos visam sobretudo a renovação e modernização de equipamentos e a diversificação e complementaridade de produtos e formas de captar turistas.

O montante dos impulsos financeiros ainda não foi divulgado, uma vez que ainda está dependente da distribuição de verbas pelas áreas, sob tutela do Ministério da Economia.

O principal objectivo da iniciativa passa por recuperar as taxas de crescimento do turismo nacional verificadas durante a década de 90.

Jogos Olímpicos de Inverno 2006

Tudo a postos em Turim

A cidade italiana fez um forte investimento para receber a 20ª edição do evento desportivo. Combate anti-terrorista foi uma das prioridades

Pedro Galinha
Rafael Pereira

Os Jogos Olímpicos de Inverno estão de volta a Itália, 50 anos depois da sua realização em Cortina d'Ampezzo. Desta feita, é a cidade de Turim que acolhe a vigésima edição das Olimpíadas, entre os dias 10 e 26 de Fevereiro.

Localizada na confluência dos rios Po e Dora Riparia, a cidade de Turim tem cerca de 868 mil habitantes. Além de ser a capital da região italiana de Piemonte, é também o maior foco industrial do noroeste do país. A escolha de Turim veio a revelar-se uma surpresa, pois Sion, na Suíça, era a principal favorita no processo de selecção para a cidade anfitriã.

Para albergar a competição, foi gasto um total de 1700 milhões de euros. O investimento realizado inclui a construção de 65 infra-estruturas desportivas e de novas redes de transportes. Até do ponto de vista urbanístico, a cidade de Turim foi alterada, com a construção de uma nova biblioteca e um novo museu de arte mo-

derna, o que se prevê que vá regenerar uma abandonada zona industrial. Para além disso, foram gastos 90 milhões de euros num sistema de segurança anti-terrorista.

No entanto, a derrapagem financeira da organização atingiu, no final de 2005, um défice estimado de 64 milhões de euros, obrigando a organização a declarar bancarrota. Para inverter essa situação, o governo italiano prestou-se a cobrir o défice.

Quanto à competição propriamente dita, vai contar com a presença de 85 países, entre os quais Portugal. Danny Silva é o único elemento da comitiva portuguesa. O atleta, de 32 anos, nascido em New Jersey (EUA), vai competir na modalidade de Esqui de Fundo, naquela que será a oita-

va presença portuguesa em Jogos Olímpicos de Inverno.

Os jogos distribuir-se-ão por 15 modalidades: "curling", esqui alpino, biatlo, "bobsleigh", combinado nórdico, esqui corta-mato, esqui livre, hóquei no gelo, patinagem artística, patinagem de velocidade, salto de esqui, "snowboard", "skeleton", tobogã e trenó.

Os Jogos Olímpicos de Inverno realizaram-se pela primeira vez na cidade francesa de Charmonix, em 1924. Desde essa altura, já se realizaram mais 18 edições, repartidas entre a Europa, a América do Norte e duas edições no Japão. A última Olimpíada de Inverno decorreu na cidade norte-americana de Salt Lake City, em 2002.



Depois de Salt Lake City, em 2002, Turim recebe este ano os Jogos Olímpicos de Inverno

Reserva Federal dos EUA

Novo líder é solução de continuidade

Sérgio Miraldo

O mandato de Alan Greenspan à frente da Reserva Federal norte-americana (Fed) termina hoje. O sucessor será Ben Bernanke, 52 anos, professor da Universidade de Princeton e antigo governador do Fed.

Do novo presidente espera-se que continue a política monetária praticada por Greenspan ao longo dos 18 anos em que esteve à frente dos destinos da instituição.

Greenspan deixa o cargo numa altura em que goza de elevada credibilidade junto dos agentes financeiros. Durante a sua presidência, viu-se confrontado com duas crises monetárias de média dimensão, mas conseguiu conter a inflação norte-americana dentro de valores historicamente baixos.

Apesar da reacção inicialmente cautelosa dos mercados financeiros, que seguem habitualmente com apreensão mudanças na presidência do Fed, a escolha de Bernanke é tida pelos analistas como uma transição suave na liderança deste organismo.

Tal como o seu antecessor, Bernanke considera que, num ambiente económico caracterizado por um elevado grau de incerteza, as alterações da política monetária devem ser graduais. Aquando do anúncio da sua nomeação, feito pelo presidente americano, George W. Bush, Bernanke garantiu que vai manter as políticas e estratégias seguidas por Greenspan.

Haiti

Eleições decisivas para o futuro do país

Em clima de instabilidade política e social, Haiti vai a votos na terça-feira, 7. Nações Unidas acompanham o evoluir dos acontecimentos

Ana Rita Faria

Depois de sucessivos adiamentos, o governo haitiniano marcou as eleições presidenciais e legislativas do país para o próximo dia 7 de Fevereiro. O executivo tomou a decisão por meio de um decreto presidencial, independentemente da posição do Conselho Eleitoral Provisório, órgão encarregado da convocação e organização das votações.

Segundo o novo calendário oficial, a segunda volta está prevista para 15 de

Fevereiro e a tomada de posse do presidente eleito marcada para 29 de Março. A votação foi inicialmente convocada para 15 de Novembro do passado ano, tendo sido desde então adiada sucessivamente para 20 de Novembro, 27 de Dezembro e 8 de Janeiro. O último adiamento, de quase um mês, deveu-se ao suicídio do general brasileiro Urano Baccellar, comandante-das tropas da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (Minustah). As eleições são as primeiras desde a queda, há dois anos, do Governo do então presidente Jean Bertrand Aristide.

Cerca de 30 candidatos apresentam-se à eleição presidencial, enquanto 1.300 disputam as 130 cadeiras no Parlamento. O partido de esquerda Fanmi Lavalas (FL), que governa o país desde 1990, embora com alguns interregnos, assume-

-se como representativo da maioria pobre do país. Para além do FL, os principais partidos envolvidos na luta presidencial são o partido conservador "Espace de Concertacion", o partido progressista "Eskap-Korega", o partido democrata-cristão "Mochrena", o "Parti Louvri Baryé" e ainda o partido de esquerda "Organisation de Peuple en Lutte".

Desde a queda de Aristide, o Haiti tem vivido num clima de instabilidade, caracterizado pelo desemprego maciço e pela violência social e paramilitar. O país tem actualmente uma taxa de inflação que ascende aos 22 por cento. Cerca de 80 por cento de população vive abaixo do limiar da pobreza, com uma grande incidência de SIDA e tuberculose.

Segundo declarações da Organização das Nações Unidas (ONU) "a realização de eleições é uma etapa fundamental pa-

ra a restauração da democracia e estabilidade do Haiti". Juan Gabriel Valdès, representante especial do secretário-geral da ONU no Haiti, realçou que a presença da organização deverá ser a longo prazo, de modo a garantir a reestruturação e desenvolvimento da economia e a estabilidade social do território.

O país

Nome oficial: República do Haiti
Capital: Porto Príncipe (Port-au-Prince)
População: 7,527,817 (Julho 2003)
Área: 27,750 km²
Línguas oficiais: Francês e Crioulo
PIB por pessoa: 1.500 dólares (2004)
Presidente da República: Boniface Alexander
Primeiro-Ministro: Gérard Latortue

Índios: as questões do passado

Longe dos olhos dos governantes, os índios brasileiros enfrentam problemas com terras, saúde e educação. Há 500 anos que as tribos lutam pela preservação das suas tradições e da sua dignidade

Sarah Fernandes, em São Paulo

"Estava calor, mas esfriou. São as belas índias, de cabelos longos, que saíram de casa para passear pelo céu, e as suas madeixas cobriram o sol. Mas é só ter um pouco de paciência: por volta das 11 horas, elas voltam para casa para preparar o almoço. Aí, o tempo logo melhora e o sol volta a aparecer com toda a força."

A chegada de frentes frias ao estado de Amazonas, no Brasil, é um fenômeno meteorológico já conhecido pelos pesquisadores, baptizado de friagens. Nas escolas dos grandes centros urbanos do país, as crianças aprendem as causas e consequências da queda de temperatura na região amazônica. No arquipélago de Anavilhanas, nas margens do rio Negro – local de acção das friagens – as crianças da tribo Tukano ouvem o cacique (chefe indígena) ou o pajé (líder espiritual, misto de sacerdote, profeta e médico-feiticeiro) contar a história do passeio das moças para explicar o que aconteceu.

Diferenças sim, inferioridade não. A sensibilidade e respeito para com a natureza, retratados na lenda indígena, não são uma característica única da tribo Tukano. Todas as 215 sociedades indígenas do Brasil – que representam 345 mil pessoas ou 0,2 por cento da população do país – têm costumes e tradições próprias relacionados com a natureza e a vida social.

História e massacre

Os habitantes das Américas descendem de populações asiáticas e os primeiros vestígios da presença humana no continente datam de há 11 a 12,5 mil anos atrás. Os indígenas da América do Sul são originários de povos caçadores da América do Norte que migraram e se instalaram na região.

Mas é a partir de 1500 – ano do descobrimento oficial do Brasil – que se tem mais informações sobre os povos indígenas. A colonização do "Novo Mun-



do" foi extremamente traumática e violenta para as sociedades nativas. Não se sabe exactamente o número de habitantes na época do descobrimento, mas estima-se entre um e 10 milhões de indivíduos.

Os índios conheciam a natureza, pescavam, plantavam e caçavam, tinham sociedades organizadas e religiões. Mas desconheciam as armas de fogo e as doenças dos homens brancos, factores responsáveis pelo massacre. A isso se somam as dominações de terras e a escravização. O resultado já é conhecido: o extermínio de populações inteiras e a perda de culturas particulares, que foram sufocadas pelos costumes dos colonizadores.

Os índios hoje

Actualmente, as sociedades indígenas estão espalhadas por todo o Brasil e países vizinhos, uma vez que as dimensões das tribos não respeitam as fronteiras políticas da América do Sul. Esses povos vivem em terras colectivas, para seu uso exclusivo, chamadas Terras Indígenas (TIs), cujo número é hoje de 583. A maior parte das sociedades indígenas, cerca de 60 por cento, vive na Amazônia Legal – região composta pelos estados de Amazonas, Acre, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Mato Grosso e parte oeste do Maranhão.

O total de indivíduos considerados índios – 345 mil pessoas – diz respeito

àqueles que vivem nas aldeias. Além destes, entre 100 e 190 mil indígenas vivem fora das terras, inclusive em áreas urbanas (10 a 15 por cento). E ainda existem cerca de 55 tribos que não foram catalogadas nem contabilizadas.

A sociedade brasileira, em geral, vê os indígenas ou como uma parte viva do passado ou como pessoas completamente desqualificadas. Essa última classificação é mais comum entre os brancos que vivem próximos às aldeias, devido ao interesse pelos recursos naturais das terras indígenas. Por isso, os nativos sofrem pressões políticas e económicas das elites municipais.

A outra vertente da sociedade começa a reparar agora que os índios vivem numa realidade contemporânea à deles: navegam na Internet, vêem televisão e sofrem com os problemas do país, o que não faz com que percam a sua identidade cultural.

Ao contrário da grande maioria dos brasileiros, os índios não são obrigados a votar e não pagam impostos, factores que afastam as acções governamentais dos seus interesses. O Conselho Indígena Missionário (Cimi) apresentou um documento chamado "Inventário de uma Infâmia", que revela um salto no número de assassinatos de índios de sete, em 2002, para 38, em 2005. O relatório mostra ainda que, no último ano, 136 índios morreram por falta de atendimento médico e desnutrição. Deste

número, 86 mortes foram de crianças. O número de suicídios subiu de 18, em 2004, para 29, em 2005.

Terra

De entre todos os problemas enfrentados pelos índios, a terra apresenta uma importância singular. No contexto dessas sociedades, o local onde se vive é muito mais do que um recurso natural para a subsistência, representa o suporte da vida social e está ligado às crenças do povo. As terras ocupadas pelos índios pertencem à União Federal, mas são de uso exclusivo dessas comunidades. Mesmo com as demarcações, as TIs não fogem da confusão fundiária do país. Marcos Tupã, cacique da aldeia Krukutu, localizada na zona sul do município de São Paulo, conta que "a terra é pequena para a nossa população, que é de 36 famílias, ou seja, 190 pessoas". O chefe índio completa dizendo que, sem espaço, "não dispomos de matéria-prima para fazer artesanato [principal fonte de receitas da tribo], nem de locais para a caça e a pesca".

Um caso recente trouxe à tona um outro problema relacionado com o território: a tribo Cinta-Larga, que vive no estado de Roraima, norte do país, sofre com investidas de exploração ilegal de diamantes em suas terras. Essa acção predatória dos garimpeiros explora as riquezas naturais do território e incentiva a prostituição, a corrupção, o tráfico de armas e drogas, entre outros proble-

Epopeia dos excluídos

TEMA

...no mundo de hoje



mas. As pressões contra os povos indígenas vêm de vários lados: os garimpeiros e grandes empresas de mineração pressionam o governo pelo direito de explorar os recursos naturais da região. Jornais locais abraçam a causa dos garimpeiros, tentam justificar a invasão e influenciar as pessoas a criar uma imagem errônea dos Cinta-larga e de todas as outras etnias.

Políticas Indígenas

As políticas relacionadas com os indígenas e a resolução dos seus problemas sociais são muito complexas e incluem inúmeras possibilidades. A antropóloga Adriana Calabi, membro do Núcleo de Assuntos Indígenas (NAI) do Centro de Estudos e Pesquisas da Administração Municipal de São Paulo, defende que "o Estatuto do Índio precisa de ser revisto no congresso, por ser uma lei muito antiga e desatualizada". Outra ação que auxiliaria o povo indígena seria a criação de uma política nacional e uma redefinição das funções da Funai (Fundação Nacional do Índio). O órgão governamental tem recebido várias críticas, principalmente devido à demora no cumprimento de medidas simples.

Se a terra, as ações governamentais e a falta de uma política sólida para com as sociedades indígenas são impasses para a qualidade de vida das populações nativas, as políticas relacionadas com a educação e saúde indígena são sofisticadas. Mas como afirma Adriana Calabi, "o difícil é a aplicação de tudo isso". As dificuldades não se devem somente a questões políticas, mas envol-

vem as tradições e culturas dos povos.

Um bom exemplo é a questão da saúde. A mesma constituição que garante o atendimento médico a todos os brasileiros pelo SUS (Sistema Único de Saúde) também assegura o respeito pelas tradições de todos os povos indígenas. E cada um deles possui um sistema médico tradicional e particular, diretamente ligado com a sua crença. "São cerca de 200 sistemas médicos diferentes e é necessário respeitar cada um deles.

Quando se fala em saúde indígena, não se fala só em tratamento para o corpo, mas também em uma questão cultural muito mais complexa", afirma Calabi.

Para aproximar os dois sistemas médicos, é necessário gente habilitada. "Os médicos têm que visitar as aldeias, mas a forma como vão actuar lá tem que ser bem trabalhada", analisa a antropóloga. Marcos Tupã, cacique da aldeia Krukutu, conta que a primeira alternativa é sempre a tradicional. "Primeiro os doentes passam pelo pajé; só procuramos um médico se ele recomendar". Na tentativa de fazer essa ligação, frentes de trabalho relacionada com os índios – como o Conselho Estadual dos Povos Indígenas e o Comitê Internacional de Assuntos Indígenas – inserem pessoas da comunidade no sistema de saúde. "É necessário capacitar índios e não índios", considera Calabi.

A educação é uma outra frente de trabalho muito complexa. A aldeia de Krukutu tem professores indígenas e, até aos sete anos de idade, as crianças só aprendem o Guarani, a sua língua

tradicional. Também é importante a produção de material didático exclusivo para cada etnia. "Quando se pensa em educação indígena, pensa-se em educação escolar indígena, e a educação é muito mais do que a escola. As etnias têm formas próprias de educar e a escola é uma instituição do branco. Eles sempre transmitiram os seus conhecimentos das gerações mais velhas para as mais novas de alguma forma. As escolas podem prejudicar os sistemas de ensino tradicional dessas comunidades", afirma a investigadora do NAI.

Costumes e tradições

A cultura indígena sobrevive, depois de 500 anos de tentativas de imposição da cultura branca sobre os indígenas. As infiltrações continuam, principalmente relacionadas com a religião e as formas de subsistência.

É importante referir que todas as culturas populares passam por modificações durante um período de tempo. E o mesmo se passa com os indígenas. "As pessoas precisam de entender que as culturas são dinâmicas e se transformam com o tempo. O que importa não são as mudanças, mas sim que elas aconteçam dentro de uma lógica e de uma vontade própria interna, de forma que as identidades culturais de cada grupo se possam manter", defende Adriana Calabi.

Várias políticas visam a manutenção dos valores indígenas e todas têm de ser pensadas de forma muito ampla. A tentativa de aplicar medidas que no início foram voltadas para as periferias das sociedades brancas pode ser um fracasso se não forem adaptadas aos estilos

de vida indígena. A construção de creches, por exemplo, é uma medida extremamente importante nas periferias, mas não nas aldeias indígenas. Lá as crianças têm não só os pais, como os avós e os tios próximos. Além disso, podem conviver com crianças de várias idades e relacionar-se com a natureza, o que proporciona a aprendizagem e a preservação de culturas e tradições. Ao frequentar creches, as crianças saltariam essa etapa comum para os índios e absorveriam um hábito dos brancos. Um outro exemplo é a habitação. Se em vez de casas de pau a pique um projecto governamental construísse residências de alvenaria, os índios provavelmente não se adaptariam e deixariam de construir a sua morada, uma acção intimamente ligada às tradições e à aprendizagem dos jovens e crianças.

A sociedade moderna oferece a algumas tribos contactos directos com metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, o que não os torna mais ou menos índios. Além disso, encontros de políticas públicas têm proporcionado a índios de diferentes tribos, que habitam regiões distantes, a oportunidade de se encontrarem, o que também gera um intercâmbio cultural. O importante é que as transformações não sejam impostas e sim apresentadas e aceites de forma consciente e opcional.

A cultura de cada uma das identidades étnicas indígenas deve ser reconhecida, preservada e valorizada pelos brancos: a língua, a forma de lidar com a natureza, as religiões, a ocupação da terra, entre outros factores, para que o respeito estruture uma sociedade realmente moderna.



Células estaminais, o futuro da medicina?

Alguns falam mesmo de uma "nova era" da medicina.

As potencialidades terapêuticas das células estaminais estão a entusiasmar cientistas.

No entanto, a sua utilização levanta já discussões éticas

Por Sandra Pereira e Rui Pestana (Texto)

Um terceiro filho está para nascer. Um "seguro de vida"... porque não? Teresa Mendes decide arriscar. Ouviu falar de criopreservação de células estaminais de cordão umbilical pelas amigas, informou-se e optou por uma empresa de Coimbra para assegurar a saúde futura dos filhos. Um investimento em que toda a família ajudou, mas Teresa Mendes espera que seja "a fundo perdido e que nunca venha a precisar".

O que se esconde por detrás deste avanço da medicina? Alguns investigadores pensam que se trata de uma "nova era", a da medicina regenerativa. Isto porque, em teoria, as células estaminais poderão substituir qualquer célula doente e regenerar qualquer tecido ou órgão danificado. A sua eficácia está comprovada cientificamente, por exemplo para doenças hereditárias do sangue, mas a sua aplicação no tratamento de doentes é limitada. Francisco Ambrósio, membro da Sociedade de Células Estaminais e de Terapia Celular (SPCETC), desmistifica: "A comunicação social cria a ideia que as células estaminais podem curar quase tudo e mais alguma coisa, podem produzir todos os órgãos e mais alguns, mas isso é mentira. Potencialmente é possível. Agora, como fazê-lo é outra história".

O que desperta tanto o interesse de cientistas e investigadores são as potencialidades que as células estaminais podem alcançar, nomeadamente na cura de doenças do sistema nervoso central, como a doença de Parkinson ou Alzheimer, e o tratamento de certos tipos de cancro. Actualmente, as células estaminais podem ser obtidas através do sangue periférico de adultos, do sangue do cordão umbilical e de embriões humanos. Se as duas primeiras são técnicas frequentes, já as células estaminais embrionárias envolvem algumas questões éticas.

Embriões humanos, uma questão entre técnica e ética

Em teoria, as células das fases muito precoces do desenvolvimento do embrião podem dar origem a qualquer tipo de tecido. Por serem primitivas e indiferenciadas, este tipo de células é considerado o "melhor" e mais promissor. No entanto, é aí que as coisas se complicam. Surgem várias questões.

Células estami... quê?

As células estaminais encerram grandes potencialidades por serem células indiferenciadas, que têm a possibilidade de substituir qualquer célula doente e de reparar tecidos e órgãos danificados. Conjugadas com a possibilidade de se auto-renovarem e se conservarem, estas células podem contribuir para a cura de algumas doenças sanguíneas, da regeneração da pele e de cartilagem. Os cientistas acreditam que se caminha para a descoberta de mais aplicações terapêuticas, como cura de doenças do sistema nervoso (o síndrome Parkinson e a Alzheimer, por exemplo) e o tratamento de certos tipos de cancro. Este tipo de células podem ser obtidas a partir do sangue do cordão umbilical, das células de um adulto e de um embrião humano.

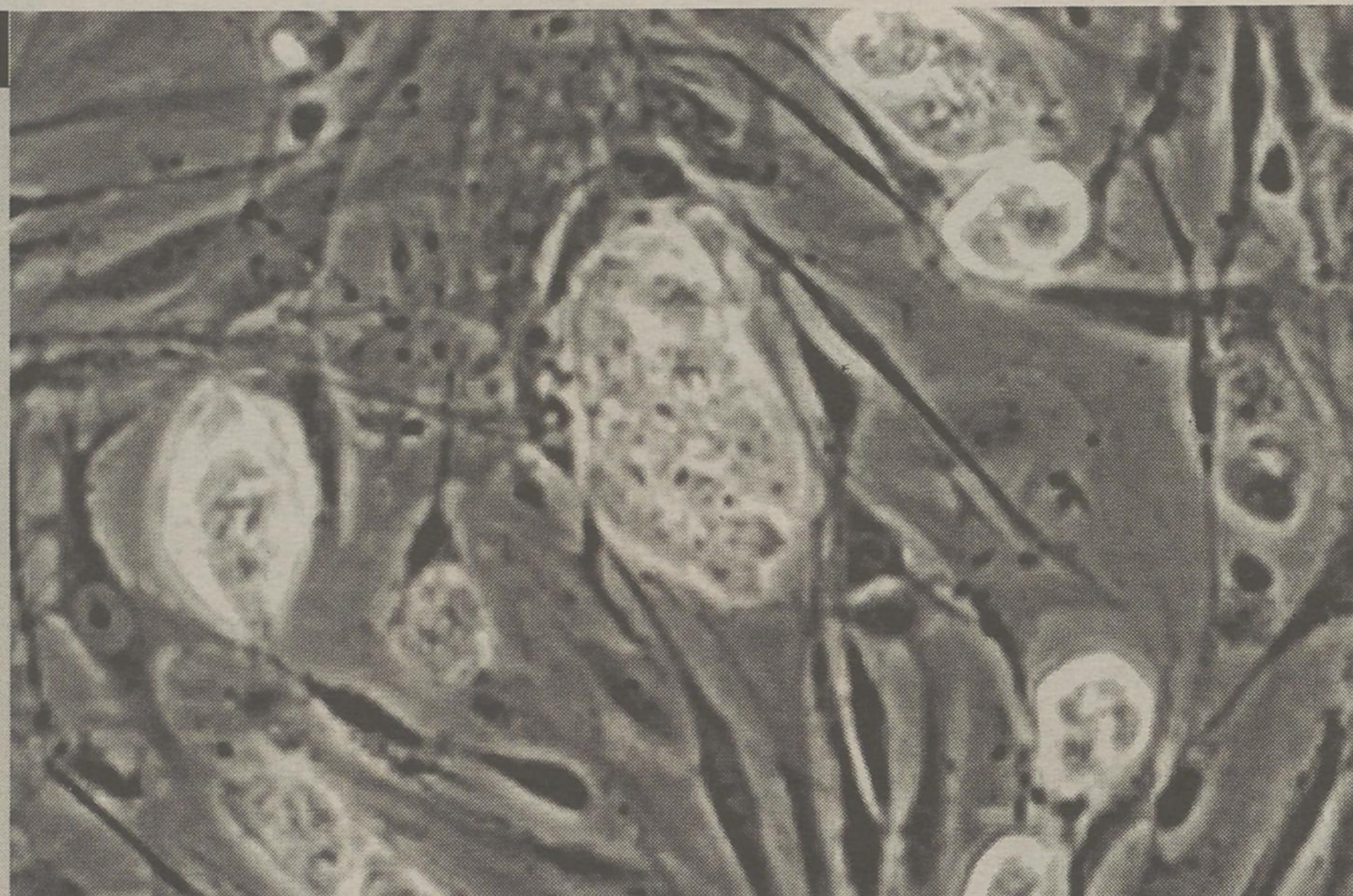
Células estaminais do sangue do cordão umbilical

Estas células estaminais, retiradas do sangue do cordão umbilical, são hematopoiéticas, ou seja, dão origem às células presentes no sangue. São geralmente descartadas durante o parto e apresentam inúmeras aplicações terapêuticas ao nível de doenças como a leucemia, a anemia e certo tipo de tumores. Em Portugal, existem três bancos privados de células estaminais provenientes do sangue do cordão umbilical.

É ético utilizar embriões humanos para investigação científica, mesmo que sirva para fins terapêuticos? O consenso não é fácil de atingir.

"Então, e antes do nascimento não há vida humana?", questiona o padre Virgílio Neves. Saber onde começa realmente a vida humana parece ser a questão que divide a sociedade. Edmundo Balsemão Pires, docente de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, defende que a questão existe porque se lhe colocam barreiras morais: "Se a ciência não conflituasse com a religião, não havia nenhuma necessidade de regulamentação, ou por outro lado, aquilo que imediatamente seria regra era o princípio da livre investigação científica".

Na opinião de Virgílio Neves, a Igreja Católica tem uma palavra a dizer, na medida em que "está integrada na sociedade é que esta é uma questão não só humana mas também religiosa e ética". Segundo o padre, a investigação deve ir no sentido das células estaminais adultas e esclarece que, "para a igreja, o início da vida humana começa no momento da fecundação". O sacerdote acusa a ciência actual de estar desligada dos princípios éticos, trabalhando apenas com questões técnicas. "Tudo o que é tec-



As células estaminais prometem novas aplicações terapêuticas

Células estaminais embrionárias

Estas células são totipotentes, ou seja, são totalmente indiferenciadas e podem dar origem às diferentes células que compõem um organismo vivo. Em teoria, são as "melhores" pois são as células iniciais do nosso organismo, após o óvulo ser fecundado pelo espermatozóide, e é essa célula única que dá um organismo. Os cientistas acreditam, por isso, nas suas promissoras potencialidades terapêuticas. São também as que levantam discussões éticas.

Células estaminais adultas

São células multipotentes, ou seja, células indiferenciadas encontradas em tecidos diferenciados, como a medula óssea ou gordura, que podem dar origem a diversos tecidos. Estas células possuem menor capacidade de diferenciação que as células totipotentes. A sua utilização para o tratamento de doenças tem menos potencial, pois o programa genético daquelas células já não é igual ao das células iniciais, as células embrionárias.

Será necessário um referendo?

Em Portugal, a investigação em células estaminais embrionárias humanas é inexistente, uma vez que a lei europeia não o permite. Quanto à lei portuguesa, ainda inexistente, encontra-se actualmente em discussão na Assembleia da República. Alguns cientistas estão convictos que "cada dia perdido nessa discussão é um dia profundamente anti-ético, porque estamos a impedir que a ciência avance para salvar vidas". O tempo urge. Mas será que a opinião pública tem palavra a dizer sobre este assunto?

O investigador Francisco Ambrósio pensa que a sociedade civil está preparada para entender e interessar-se pela questão das células embrionárias humanas. Já André Pereira, professor assistente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, aceita a possibilidade, mas não crê que a sociedade esteja preparada para esta discussão. Um referendo seria adequado? O docente diz tratar-se de uma questão tão técnica que "seria apenas mais uma forma de crisar a sociedade". André Pereira lamenta ainda que a recente campanha presidencial não tenha sido um palco de discussão para esta questão, uma vez que, na sua opinião, se trata de um assunto de veto político.

nicamente possível faz-se, mas ao nível do princípio ético, nem tudo o que é tecnicamente possível pode ser realizado", defende. O membro da Igreja Católica considera que, quer a religião, quer a ciência têm de ser éticas na sua essência: "se não forem éticas, deixam de ser, na sua essência mais profunda, quer ciência humanista quer religião ao serviço da pessoa humana".

Os fins justificam os meios? Francisco Ambrósio acredita que não. "A criação de um embrião para utilizar as suas células estaminais para tratar um filho; a própria SPCETC recusa", esclarece o investigador. O docente da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra apenas considera a hipótese da utilização de embriões excedentários provenientes da fecundação "in vitro" com a condição de "haver legislação específica sobre isso".

"Nenhum fim justifica os meios. Nenhum." é também a opinião de Edmundo Balsemão Pires. No entanto, o professor alerta para o erro que seria uma legislação que proíba tudo o que envolva a manipulação das células estaminais: "Devemos ter o máximo de cuidado com as proibições que o discurso ético possa eventualmente validar para determinadas decisões jurídicas".

Há falta de legislação na área das células estaminais

A criação de embriões propositadamente para investigação científica ou a recolha de células estaminais está praticamente fora de questão. As atenções viram-se agora para o debate em torno dos embriões excedentários.

Imagine-se um texto povoado de perguntas. Todo um "menu" de questões para as quais não existe uma resposta fácil. Imagine-se a começar uma discussão: "Será o embrião um ser humano? Devemos utilizar células estaminais de embriões?". Apesar das diferenças de pensamento entre cientistas, religiosos e juristas, todos concordam que Portugal tem falta de uma lei própria que regule a utilização de células estaminais embrionárias humanas.

As células estaminais embrionárias têm de ser retiradas de embriões com cinco dias e este é apenas um aspecto da polémica acerca da sua utilização. Cabe agora à Assembleia da República abrir a discussão, na tentativa de tentar aprovar legislação respeitante às células estaminais.

Em Portugal vigora com força de lei, desde Dezembro de 2001, a Convenção Europeia para a Protecção dos Direitos Humanos e Dignidade do Ser Humano, no que respeita à Aplicação da Biologia e Medicina (igualmente denominada Convenção de Oviedo). O artigo 18 da Convenção de Oviedo proíbe a "criação de embriões hu-



A Igreja Católica é contra a utilização de embriões humanos excedentários

manos para fins de investigação".

Na opinião de André Pereira, do Centro de Direito Biomédico da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, a Convenção de Oviedo é insuficiente, "pois não é uma convenção a pensar nas células estaminais, já que data de 1997". Sobre esta questão, o padre Virgílio Neves também considera que "o Direito tem andado atrasado". Para este membro da Igreja Católica, "o Direito deveria estar muito mais atento àquilo que é a investigação científica e aos novos desafios que se colocam".

Embriões excedentários podem vir a ser utilizados

A Convenção de Oviedo diz também que, "nos países que aceitarem a investigação de embriões, a lei assegurará a adequada protecção". Para André Pereira, a Convenção fica "a meio caminho, não autoriza nem proíbe" a utilização de células estaminais provenientes de embriões excedentários. Desta forma, a falta de um texto legal português que diga como fazer a investigação tem levado a que a doutrina jurídica considere que a utilização de células estaminais de embriões excedentários é proibida, porque "a nossa lei não protege nada, mas também não admite, portanto precisamos de uma lei", conclui André Pereira.

Francisco Ambrósio, da Sociedade Portuguesa de Células Estaminais e Terapia Celular (SPCETC), levanta a questão: "se um embrião vai ser destruído, porque é que pessoas habilitadas, autorizadas e cuja competência seja reconhecida não podem utilizá-los para eventualmente tratar ou curar doenças?". A SPCETC considera a hipótese de utilizar embriões excedentários que vão ser destruídos para fins de investigação, mas Francisco Ambrósio alerta que "tem de haver legislação específica sobre isso, o que não há neste momento".

Na tentativa de criar uma lei e de promo-

ver a reflexão, o Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (CNECV) emitiu em Novembro um Parecer sobre a Investigação em Células Estaminais. No documento, o CNECV admite a colheita de células estaminais de embriões, desde que não seja a causa de destruição dos embriões. O cientista Francisco Ambrósio concorda que tudo deve ser feito "com muita ética", mas pensa que os pareceres do CNECV têm sido "conservadores". Para este investigador, o conselho deveria "ter na sua constituição mais alguma representatividade de outros grupos, nomeadamente cientistas mais jovens que tenham outra abertura".

Por outro lado, a criação de embriões exclusivamente para fins de investigação científica é algo que está fora de hipótese, posição apoiada também pela própria SPCETC.

Nova lei deverá criar mecanismos de fiscalização

Uma lei "equilibrada e serena que aceite projectos credíveis de investigação com embriões excedentários". É esta a expectativa de André Pereira para o futuro texto que irá regular a utilização de células estaminais. Na opinião deste professor assistente de Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, está fora de hipótese "a criação de embriões, pois está proibido pela Convenção de Oviedo".

Francisco Ambrósio aposta "numa posição de bastante abertura, porque isso poderia criar condições para que Portugal esteja entre os países que estão no grupo da frente nesta área". O cientista defende um lei semelhante à que vigora no Reino Unido, ou seja, "uma legislação de certa maneira permissiva, mas com ética, e rigorosa, em que houvesse fiscalização". "Se criássemos cientistas, laboratórios e massa crítica nesta área, poderíamos tornar-nos competitivos a nível internacional", conclui.

As Frases

A grande finalidade da comunicação social é obter respostas claras a problemas extremamente complicados. No fundo, a comunicação social tende a condensar ao máximo, a reduzir.

Para a Igreja Católica, é monstruoso destruir os embriões excedentários mas, para uma visão reflexiva, há que tomar em linha de conta todos os aspectos da questão.

Edmundo Balsemão Pires

Doutor em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Em relação aos bancos privados de células estaminais, deve ser muito claro quais são as limitações das células estaminais e que os clientes sejam muito bem informados.

Acho que a utilização das células estaminais embrionárias não justifica um referendo, mas se houvesse, mesmo que fossem embriões excedentários, se calhar o não era capaz de ganhar por uma larga maioria.

Francisco Ambrósio

Membro da Sociedade Portuguesa de Células Estaminais e Terapia Celular

A probabilidade de utilização destas células estaminais é baixa, e daí que as pessoas que aderem a este serviço têm que ponderar muito bem entre custo e benefício.

Penso que a criação de um banco público em Portugal também é importante e que é algo que pode vir a acontecer no futuro.

Luís Gomes

Responsável da Crioestaminal

A religião não impõe sinal de stop à ciência. A religião aponta pistas, sinais de alerta no sentido de dizer: "cuidado para onde estamos a caminhar".

Claro que os cientistas não se interessam pelo embrião depois do 14º dia, porque as células deixam de ser totipotentes. Por isso é que fazem tanta questão dessa fase até ao 14º dia.

Padre Virgílio Neves

Em termos de lei, que dizer da clonagem terapêutica? Em primeiro lugar, Portugal não tem uma lei que claramente proíba a clonagem terapêutica.

O embrião não é uma inexistência jurídica, mas há-de merecer uma protecção inferior à de um ser humano.

André Pereira

Professor de Centro de Direito Biomédico da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Crioestaminal, um banco privado de células estaminais

A Crioestaminal é uma empresa que vende aos futuros pais um serviço de criopreservação de células estaminais do sangue do cordão umbilical. As células estaminais do sangue do cordão umbilical do recém nascido são criopreservadas durante 20 anos e, caso surja uma doença grave, podem ser requeridas pelo doente para serem utilizadas em tratamentos.

Desde Junho de 2003, data da fundação da empresa de Coimbra, 8 mil pessoas já compraram o serviço da Crioestaminal, mas ainda não houve necessidade de recorrer às células criopreservadas.

O serviço custa ao cliente 1200 euros mas, para Luís Gomes, da Crioestaminal, "a comparticipação deste serviço privado poderia ser uma alternativa a um banco público. É algo que deveria ser estudado e que poderia fazer sentido".

“Estamos a dever pontos a nós próprios”

A CABRA fez um ponto de situação da temporada da Briosa com o treinador e o capitão

“Temos que obrigatoriamente fazer uma segunda volta melhor” As palavras são do capitão da Académica, Paulo Adriano, mas apoiadas por Nelo Vingada

Bruno Gonçalves

“Se fizermos o mesmo número pontual que fizemos na primeira volta, pode não ser suficiente para alcançar a manutenção”, avisa o camisola 19 dos estudantes. É esta a convicção de toda a equipa, quer jogadores, quer equipa técnica.

Nos últimos anos, desde que voltou ao escalão máximo do futebol português, a Académica sofre sempre até às últimas jornadas para poder descansar e pensar na próxima época. Nelo Vingada lembra, no entanto, que “no ano passado já se deu um passo em relação às épocas anteriores”. O técnico acredita que “a identidade, a história das equipas também se constrói. A Académica infelizmente tem vivido sempre cá em baixo, nesta forma quase desesperada de se salvar no limite. Mas eu acho que este ano vamos dar mais alegrias a todos e chegar mais cedo à posição que todos querem, e que é legítima face aquilo que a Académica é”. Os “estudantes” estão “numa posição incómoda, mas, com muita tranquilidade, é possível chegar ao meio da tabela”, acrescenta.

O capitão Paulo Adriano confessa que “conseguir melhor que no ano anterior é sem dúvida um objectivo. Creio que este ano não vamos ter que passar por aflições. O grupo está determinado, as pessoas estão com uma convicção forte de ganhar e criar uma dinâmica de vitória, algo que nos tem faltado ao longo da primeira volta”, afirma o jogador.

Também o técnico confirma a mesma ideia. “É preciso fazer pontos. E já desperdiçamos alguns pontos, que se calhar ter-nos-iam permitido estar num outro lugar. Mas isso acontece com todos, e estamos numa posição que não é tão dramática como no ano passado”.

“O balanço faz-se no final”

Da primeira volta para a segunda, houve mexidas na equipa. A Briosa perdeu jogadores, o lateral esquerdo Lira e o ponta-de-lança Marcel, mas fez também algumas contratações, o avançado Serjão e o médio ofensivo N'Doye. Nelo Vingada acredita que, mesmo sem os reforços, “nos últimos jogos a equipa esteve mais consistente, mostrou níveis de organização mais aceitáveis e tem feito melhores exibições”.

Mesmo assim, o treinador sublinha o papel dos novos elementos. “O N'Doye vem colmatar uma falta no lado esquerdo, que sempre foi um bocadinho coxo, e o Serjão, ainda que seja um jogador diferente do Marcel, vem preencher a posição dele, dando também outro tipo de opções”. Nelo Vingada mostra-se confiante. “Vamos ficar um bocadinho mais fortes, e é preciso depois transportar isso para o plano competitivo. E eu acredito que vamos fazer mais pontos”.

Paulo Adriano afirma que os novos colegas “são jogadores com qualidade. E isso já se sabia, o N'Doye com mais visibilidade que o Serjão, porque já jogava na Superliga, mas são dois jogadores que vêm ajudar a Académica”.

De acordo com os líderes do plantel, a equipa está confiante. Mas Vingada lembra: “no futebol não se joga sozinho. Há uma série de factores, e os adversários também são legitimamente fortes, e têm a mesma ambição. A equipa está coesa, está sólida, mas evidentemente que há diferenças do ponto de vista cultural dentro do plantel e do balneário. Mas, na hora do jogo, toda a gente tem o mesmo objectivo”, lembra o treinador.

A CABRA questionou o treinador e o capitão dos “estudantes” sobre o desejo que mais gostavam de ver concretizado. O técnico confessa: “eu gostava que os resultados fossem o reflexo das exibições. Apesar de tudo, já produzimos exibições que nos permitiriam ter mais alguns pontos. Estamos a dever pontos a nós próprios”.

Já o capitão pensa mais a curto prazo. O que Paulo Adriano mais queria “era ganhar no próximo jogo! É o mais importante. Depois, pensar no próximo, em um de cada vez. Vamos conseguir chegar ao fim e atin-



Tanto Paulo Adriano como Nelo Vingada se mostram confiantes na manutenção da Académica

gir os nossos objectivos”, afirma, confiante, o jogador.

Duas carreiras, dois perfis

Nelo Vingada deixou há alguns anos Portugal e o Marítimo. “Estive a treinar a Arábia Saudita, e fomos campeões da Ásia em 96. Depois, passei pelos Emirados Árabes Unidos, numa experiência curta, mas que também me correu bem”, conta o técnico. Há um ano e meio, o treinador voltou a Portugal, saindo do Zamalek como campeão do Egipto sem derrotas, pela primeira vez na história do campeonato local.

Vingada habituou-se a ganhar. Mas a mudança que o trouxe para Coimbra está a ser marcante na vida do treinador. No ano passado, a Académica conseguiu assegurar a manutenção a duas jornadas antes do fim. “Do ponto de vista pessoal e profissional, para mim foi muito importante, mais até do que ter sido campeão pelo Zamalek”.

O professor diz que ser campeão no Egipto sem derrotas, “pesa mais, em termos mediáticos e de currículo, do que se eu disser que mantive a Académica. Mas, evidentemente que, pessoal e profissionalmente, o êxito que a Académica teve no ano passado diz-me muito, a mim, e ao jogadores, face

às dificuldades que encontramos. Chegar ao final do campeonato e ficar em 10º, 11º ou 12º, para a Briosa, é ser campeão à sua dimensão”.

Paulo Adriano, aos 28 anos, nunca conheceu outro clube na sua carreira como profissional e há duas épocas que enverga a braga. “Um capitão tem que defender os interesses do grupo. É importante para que tudo corra bem e não haja problemas. É um orgulho, um prazer e uma honra muito grande ser capitão de uma equipa como a Académica”, confessa o jogador.

O capitão não consegue escolher apenas um momento crucial na sua estadia em Coimbra. “Penso que a subida de divisão e as manutenções que se seguiram são momentos que vão ficar para sempre na minha memória”, confessa Paulo Adriano.

“No futebol, não podemos fazer muita futurologia”. É assim que responde quando questionado sobre o seu futuro na Académica. No entanto, a ligação de dez anos ao clube “é a minha vida enquanto profissional. Foi toda vivida na Académica”, lembra o jogador. Mesmo assim, Paulo Adriano tem uma certeza: “fui convidado pela direcção a prolongar o meu vínculo”. Resta agora “ver o que o futuro nos reserva”.

SECÇÃO DE TAEKWONDO - ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

CURSOS DE DEFESA PESSOAL - PAVILHÃO 1 DO ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO

Horário	Segunda	Terceira	Quarta	Quinta	Sexta	Treinador
18:00 às 19:15	Turma A	Turma B	Turma A	Turma B	Compensação Turma A/B	Pedro Machado

Curso de 8 treinos, com certificado de participação no final do curso

Inscrição: 5 Euros

Informações: www.aac.uc.pt/~taekwondo / 965714178



Fevereiro, mês de exposições

Enquanto Mário Nunes realça o grande número de mostras artísticas na cidade, os agentes culturais privados defendem que Coimbra tem um panorama limitado nesta área

Bruno Vicente

No mês de Fevereiro, a cidade recebe uma pluralidade de exposições, em áreas que vão da fotografia, pintura e escultura até colecções particulares, aproveitando diversos espaços culturais.

Galeria Almedina, galeria Santa Clara, livraria Minerva, edifício Chiado, Café com Arte, TAGV, Casa Municipal da Cultura, Escola Universitária das Artes de Coimbra (ARCA) e diversos museus da Universidade de Coimbra são alguns espaços envolvidos.

Mário Nunes faz um balanço positivo das exposições em Coimbra, "até porque podemos ver desde exposição figurativa, fotografia, até ao cubismo, passando pelo abstracto e a arte contemporânea".

O vereador considera que as exposições culturais têm um papel preponderante dentro da cultura coimbrã. "A prova é que há uma diversidade de espaços artísticos em Coimbra, que estão a ser preenchidos. Nas galerias da câmara há sempre uma espera entre sete meses a um ano para se fazer uma exposição". Mário Nunes conclui que Coimbra tem "uma permanência forte no panorama nacional, como uma das cidades de maior apetência para as artes."

Visões divergentes

A casa Museu Bissaya Barreto é um dos espaços que aposta, há vários anos, em exposições culturais. Até 12 de Fevereiro, está patente neste espaço o trabalho da jovem pintora Elizabeth Leite.



Salas dedicadas a exposições culturais oferecem aos visitantes várias alternativas para Fevereiro

A responsável pela cultura da Bissaya Barreto, Isabel Horta, considera que "Coimbra não responde às expectativas nesta área, tendo em conta que é uma cidade de estudantes, um meio privilegiado".

Também Olga Seco, da galeria Santa Clara, defende que, apesar de haver interesse por parte do público, Coimbra "tem poucas exposições culturais e salas de exposição para a dimensão da cidade".

Exposições culturais em Coimbra

Pintura de Elizabeth Leite Casa Museu Bissaya Barreto e Galeria Joaquina Barreto Rosa / 13 de Janeiro a 12 de Fevereiro	Galeria Almedina / desde 17 Janeiro
Exposição de pintura de Rute Magalhães Café-Teatro TAGV / 2 a 28 de Fevereiro	Exposição de pintura de José António da Costa Santos Galeria Almedina / 7 a 26 de Fevereiro
"Passado ao Espelho" - Máquinas e imagens dos primórdios da photographia Museu da Física / Até 10 de Fevereiro	Colecção Louzã Henriques (instrumentos musicais) Galeria de turismo / Fevereiro
Exposição de fotografia de José Manuel Coutinho "Estados D'Alma - The Essencial" Edifício Chiado / 12 de Janeiro a 26 de Fevereiro	Exposição de pintura de Vítor Espalda Galeria Santa Clara / 17 de Fevereiro a 15 de Março
"Olhares d'aqui e d'acolá" de Pedro Ribeiro	"Tu, só tu, puro amor, com força crua" - Inês de Castro - 650 anos da sua morte Casa Municipal Cultura / até 5 de Fevereiro
	Exposição de pintura de Miguel Cardoso Galeria do átrio / 9 a 26 de Fevereiro

Sofia Alves protagoniza a peça "Socorro! Estou grávida!"

O monólogo, que é apresentado no TAGV, foca a temática do aborto

Raquel Mesquita
Inês Rodrigues

"Socorro! Estou grávida!" sobe ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente na próxima sexta-feira, 4 de Fevereiro, pelas 21h30. A peça consiste num monólogo da personagem interpretada por Sofia Alves, que subitamente descobre que está grávida.

Perante a situação, as dúvidas surgem e o medo aparece. Mas, apesar de focar os grandes conflitos internos da personagem, "Socorro! Estou grávida!" tem também uma vertente humorística.

Segundo o produtor do espectáculo, Miguel Pedra, "procura-se, através desta peça, contribuir para a reflexão sobre o aborto, um tema que é actual e polémico, um tema forte dos nossos dias, e levando a cena uma perspectiva no feminino".

A única artista em palco é Sofia Alves, que conta no entanto com desenho de luzes de Américo Tavar, a cenografia de Ildeberto Gama e a participação especial

do radialista Fernando Alves, em voz "off".

Adaptada do texto original de Inês Pedrosa e Patrícia Reis e dirigida por Celso Cleto, a peça foi escrita propositadamente para Sofia Alves. A actriz é conhecida do grande público sobretudo pelos seus desempenhos nas telenovelas "O teu olhar" e "Jóia de África", e pela participação nos filmes "Party", "A caixa" e "Vale Abraão", de Manoel de Oliveira.

A pensar nos fãs, Sofia Alves desloca-se, no dia do espectáculo, ao Atrium Solium, pelas 16h, para participar em uma sessão de autógrafos.

Em palco

Cortes para a infância

"Mar Salteado"
O Teatrão
Museu do Transportes
21 de Janeiro a 5 de Fevereiro

"O Teatrão" tem vindo a desenvolver nesta cidade um trabalho relevante em termos de prestação de cultura, quer na constante apresentação de peças de teatro, quer na concepção de meios para a formação pedagógica e a sensibilização artística, direccionados sobretudo para crianças.

No início do ano, a imprensa local anunciava uma redução de 45 por cento das verbas para a cultura, decisão que indignou os diversos órgãos directa e indirectamente responsáveis pela cultura em Coimbra.

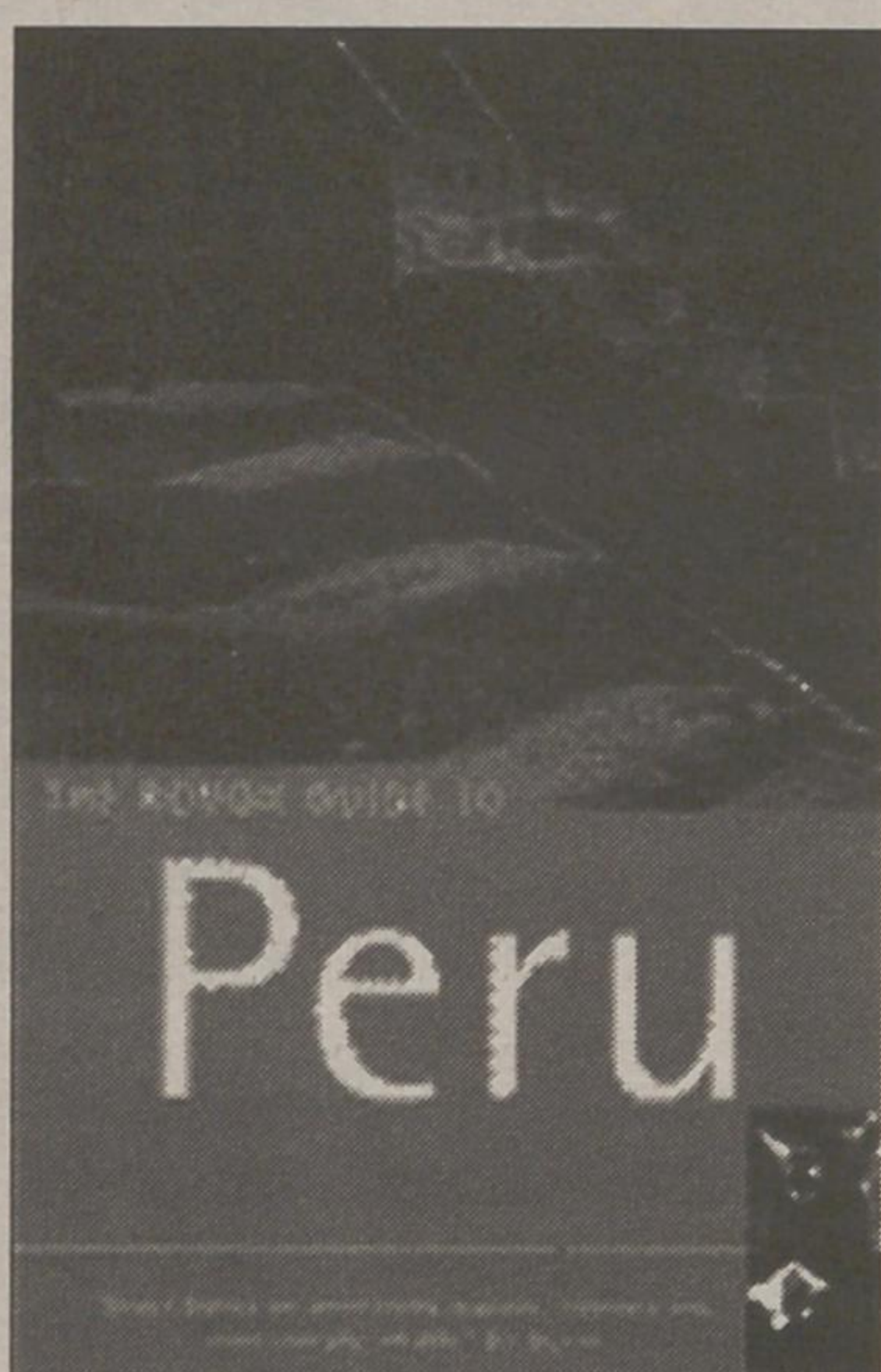
Ora, "O Teatrão", enquanto estrutura financiada em parte pela Câmara Municipal, deverá por aqui medir o quanto de reconhecimento esta lhe retorna, em sinal de apreço pelo seu profissionalismo e, designadamente, por ser o único a oferecer cursos de expressão dramática para crianças de vários grupos etários (indício de qualidade de vida que qualquer cidade do interior já tomou por elementar há muito tempo).

"Mar Salteado", criação de Deolindo Pessoa, é o último trabalho da companhia, sob o mote habitual de "teatro para a infância". Na cena improvisada do Museu dos Transportes (constituindo a dupla vantagem de recuperar um espaço museológico ignorado), Flor Santos, Henrique Guerra e Rui Guerreiro multiplicam-se para, duas vezes por dia, de segunda a sábado, dar vida a bonecos, objectos e fantoches coloridos, oferecendo ao público pré-escolar, sempre expectante e irrequieto, momentos de diversão e pura descoberta.

Cruzamento original de quatro histórias do livro "Lendas do Mar", de José Jorge Letria, o mar é o elemento central. Depois, há as criaturas fantásticas que o habitam, colagem muito divertida de fauna real e deuses imaginários, animada pelos três bons actores, dedicados e enérgicos, como convém ao público infantil (a que esta peça irredutivelmente se dirige, apesar do seu interesse para alguns adultos).

Destacam-se a excelente banda sonora original, digna de edição, a inserção de vídeos e a concepção geral minimalista e muito imaginativa do conjunto da cenografia. Recomendado para escolas e para os elementos da Assembleia Municipal que não cortam, por exemplo, em verbas para decorações públicas natalícias de gosto duvidoso.

Daniel Boto



SORTEIO

A CABRA
ROUGH GUIDES

Em todas as edições A Cabra e a Rough Guides sorteiam guias de viagens para seus leitores. Para ganhar, basta visitar o site ACABRA.NET e sugerir um destino alternativo em Portugal, justificando.

ROUGH
GUIDESdisponível em
www.amazon.com

O sossego entre as flores

Villeneuve Sur Lot é uma pequena cidade do sudoeste francês, localizada entre Bordéus e Toulouse (a cerca de 100 quilómetros de ambas as cidades). Trata-se de uma localidade calma atravessada pelo rio Lot

por Lurdes Lagarto (Texto e Fotografia)

Como quase todas as pequenas cidades do sudoeste francês, os grandes prédios de betão, que abundam em Portugal, são raros em Villeneuve. Os poucos que existem não vão para além dos cinco ou seis andares. O maior aglomerado de edifícios encontra-se no centro histórico, onde ainda é possível encontrar edificações seculares e as emblemáticas torres da antiga muralha, que ao longo dos séculos foram sendo preservadas. As construções da região periférica da cidade são vivendas, quase sempre sem andares e com belos jardins. Esta disposição habitacional permite a Villeneuve ter uma área semelhante à de Coimbra, mas com uma população que não vai além dos 22 mil habitantes. A maior parte das pessoas que dão vida à cidade e enchem as escolas, durante o dia, vivem nas aldeias vizinhas, onde todas as casas têm jardim.

Os edifícios mais antigos, que foram sendo preservados, são construídos com pequenos tijolos vermelhos e madeira, assim como as emblemáticas torres da antiga muralha. No centro da zona mais antiga encontra-se a igreja, toda construída em tijolo vermelho, com uma grande torre, visível de quase toda a cidade.

Villeneuve é um local sossegado, ideal para umas férias no campo, onde se pode ter o melhor do campo e da cidade. Não é difícil encontrar um sítio calmo para nos isolarmos durante alguns dias, sem vermos ninguém, mas suficientemente próximo da cidade e da civilização para que não nos falte nenhum dos confortos a que o século XXI nos habituou.

O clima desta região francesa é mais rigoroso do que o português. Os invernos são frios, com temperaturas que podem perma-



necer abaixo dos zero graus durante semanas, sobretudo no mês de Janeiro, pelo que a neve, apesar de não ser uma presença constante, também não é uma visitante rara. Mas o mais habitual nesta região é a formação de geadas fortes. Camadas de gelo que cobrem por completo a paisagem, de tal modo que parece neve. Mesmo as árvores se cobrem de branco, enganando os mais desprevenidos. Os verões são quentes e normalmente secos, com trovoadas frequentes, que por vezes não vêm acompanhadas de chuva, ou apenas ventos fortes.

Mas é a partir da Primavera que a região se torna agradável, pois toda a cidade se enche de flores coloridas, desde os jardins até às rotundas e postes de iluminação (onde são pendurados vasos). Mas o orgulho da cidade são os cisnes de flores que todos os anos são montados numa das extremidades da ponte principal. As flores resistem normalmente até à chegada das primeiras geadas. Depois morrem, pelo que todos os anos é preciso plantar novas flores. Nos últimos três anos, os jardins começaram a secar no início de Agosto, devido às restrições de uso da água, provocadas pela seca.

Crónica Erasmus

O amor de uma vida

Vir para Portugal como uma estudante Erasmus foi a segunda maior aventura da minha vida (a primeira foi decidir estudar Japonês). Quando as pessoas me perguntam porque escolhi Portugal, dou sempre a versão "oficial" – o clima maravilhoso, a cultura interessante, a língua, impossível de aprender, mas também há uma razão não-oficial. Um dia conheci um português... e apaixonei-me pelo seu país!

Então, alguns anos mais tarde, aqui estou eu, adorando cada momento. Estar em Portugal lembra-me a minha infância – fácil, descontraída, divertida, calma... sentada ao sol com novos amigos a beber café, ler um livro junto ao rio – o que mais poderia eu pedir? E quanto às flores, foi diver-

tido ver flores, que no meu país normalmente crescem em vasos e apenas dentro de casa, mas que aqui não são de facto flores, mas árvores! E sem falar da estranha sensação que tenho cada vez que vejo laranjas e limões pendurados nas árvores um por toda a cidade. Mas chega de flora.

Os portugueses são exactamente como eu os havia imaginado – calorosos, abertos, sinceros, descontraídos, apreciando a vida, talvez até um pouco preguiçosos. Fui surpreendida (de uma forma positiva) apenas por uma coisa – os carros param nas passeadeiras. As vezes sinto-me até um pouco culpada quando 10 carros param apenas para me deixar atravessar a rua.

E não há nada melhor do que a vida de estudante aqui em Coimbra! É espantoso quantas tradições e festas vocês têm! A obsessão que os estudantes portugueses têm por jantares foi uma completa novidade para mim. Os estudantes lituanos, normalmente, só se juntam para beber (não é

que os estudantes portugueses não bebam)... Participar nestas actividades estudantis é uma aventura inesquecível e uma grande oportunidade para conhecer montes de gente nova!

Se eu tivesse de fazer um top 3 das melhores experiências em Portugal, seria algo parecido com isto: 1 Trabalhar no "English Bar" durante o Halloween; 2 A viagem à Serra da Estrela (o ponto mais alto da Lituânia tem pouco de mais de 400 metros); 3 Jantar com os estudantes portugueses durante a Latada.

Portanto, feitas as contas, a minha paixão por Portugal está a crescer a cada dia que passo aqui. E ainda estou à espera de muitas mais coisas boas. Ser Erasmus aqui é como viver numa realidade alternativa, muito distante da vida "real", séria. E não estou mesmo com vontade de terminar a minha estadia aqui. Sinto-me em casa...

Juste Grizickaite (Lituânia)

O Mundo ao Contrário

domingos às 21h

www.ruc.pt/~omundoaocontrario

uma hora de debate na antena da
rádio universidade de coimbra para um olhar crítico
sobre o mundo onde a opinião dos ouvintes também conta...



107.9 FM

RUC

ruc.pt

Sextas
21h

Clepsidra

Conversas
de
café
à mesa
da rádio.

De acordo com o Artigo 17º, alínea 3, da Lei de Imprensa, qualquer publicação deve divulgar, anualmente, o seu estatuto editorial

Estatuto Editorial do Jornal Universitário de Coimbra A CABRA e do portal informativo ACABRA.NET

1. A CABRA e ACABRA.NET são dois órgãos de comunicação social académicos cujo objectivo é constituírem-se – numa simbiose capaz aproveitar o formato e estilo diferente que cada um possui – enquanto Jornal Universitário de Coimbra.

2. ACABRA e ACABRA.NET têm como público-alvo a Academia de Coimbra e é sob este princípio que devem guiar as suas decisões editoriais.

3. ACABRA e ACABRA.NET orientam o seu conteúdo por critérios de rigor, cria-

tividade e independência política, económica, ideológica ou de qualquer outra espécie.

4. ACABRA e ACABRA.NET praticam um jornalismo que se quer universitário no sentido amplo do termo – desprovido de preconceitos, criativo, atento, incisivo, crítico e irreverente.

5. ACABRA e ACABRA.NET praticam um jornalismo de qualidade, que foge ao sensacionalismo e reconhece como limite a fronteira da vida privada.

6. ACABRA e ACABRA.NET são na sua essência constituídos por conteúdo informativo, mas possuem espaço e abertura para conteúdos não informativos, que se pautem por critérios de qualidade e criatividade.

7. ACABRA e ACABRA.NET integram-se na Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra, perante cuja Direcção são responsáveis; contudo, as decisões editoriais d' ACABRA e d' ACABRA.NET não estão subordinada aos interesses ou a qualquer posição da Sec-

ção de Jornalismo, nem aquele facto interfere com a relação sempre honesta e transparente que ACABRA e ACABRA.NET se obrigam a ter perante os seus leitores.

8. A CABRA é um jornal quinzenal, cuja periodicidade acompanha os períodos de actividade lectiva.

9. ACABRA.NET é um site informativo, de actualização diária, cuja actividade acompanha os períodos de actividade lectiva.

Princípios e normas de conduta

A isenção, imparcialidade e integridade que devem marcar o trabalho no Jornal Universitário de Coimbra implicam por parte dos seus jornalistas o conhecimento e aceitação de regras de conduta. Assim, o jornalista deve:

1. Recusar cargos e funções incompatíveis com a sua actividade de jornalista. Neste grupo incluem-se ligações à Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, à Queima das Fitas, ao poder autárquico, bem como a actividade em gabinetes de imprensa, na área da publicidade e das relações públicas. Deste grupo estão excluídos, por respeito para com o direito do estudante de Coimbra de participar na gestão da Universidade de Coimbra, os cargos em órgãos de gestão das faculdades e da universidade. Cabe à Direcção do Jornal Universitário de Coimbra decidir quais os casos em que a actividade jornalística se encontra prejudicada por outras actividades e agir em conformidade.

2. Abdicar do uso de informações obtidas sob a identificação de "jornalista do Jornal Universitário de Coimbra" (ou similares) em

trabalhos que não sejam realizados no âmbito do Jornal Universitário de Coimbra. Além disso, o jornalista compromete-se ao sigilo das informações obtidas desta forma. Excepções a esta norma poderão ser autorizadas pela Direcção do Jornal Universitário de Coimbra.

3. Recorrer apenas a meios legais para a obtenção da informação, sendo norma a identificação como jornalista do Jornal Universitário de Coimbra. De forma alguma podem ser usadas informações obtidas através de conversas informais ou outras situações em que o jornalista não se identifica como tal e como estando em exercício de actividade.

4. Abdicar de se envolver em actividades ou tomadas de posição públicas que comprometam a imagem de isenção e independência do Jornal Universitário de Coimbra. Contudo, o Jornal Universitário de Coimbra reconhece o direito inalienável do jornalista universitário a assumir-se como cidadão. Assim, nunca um jornalista do Jornal Universitário de Coimbra será impedido de se manifestar em Reunião Geral de Alunos ou

Assembleia Magna, desde que não esteja nessa altura em exercício da sua actividade jornalística, em cujo caso deverá prescindir do seu direito de expressão e voto. De igual forma, nunca será impedido de participar activamente em qualquer actividade pública. Cabe à Direcção do Jornal Universitário de Coimbra decidir quais os casos em que a actividade jornalística se encontra prejudicada por outras actividades e agir em conformidade.

5. Ter consciência do valor da informação e das suas eventuais consequências, particularmente no meio académico de Coimbra, no qual o Jornal Universitário de Coimbra é produzido e para o qual produz. Neste contexto particularmente sensível, o jornalista deve ter especial atenção à proveniência da informação e à eventual parcialidade ou interesses da fonte (não descurando o imprescindível processo de cruzamento de fontes), bem como garantir uma igualdade de representação em caso de informações contraditórias ou interesses antagónicos, evitando que o Jornal Universitário de Coimbra se torne meio de comunicação de qualquer instituição, grupo ou pessoa. Num

meio em que o desenrolar de acontecimentos pode afectar, directa ou indirectamente, o Jornal Universitário de Coimbra, o jornalista tem também que saber manter o distanciamento necessário para a produção de uma informação rigorosa.

6. Garantir a originalidade do seu trabalho. O plágio é proibido. Nestes casos, a Direcção do Jornal Universitário de Coimbra deverá agir disciplinarmente e o jornal deverá retractar-se publicamente.

7. Recusar qualquer tipo de gratificação externa pela realização de um trabalho jornalístico. Estão excluídos deste grupo livros, cd's, bilhetes para cinema, espectáculos ou outros eventos, bem como qualquer outro material que venha a ser alvo de tratamento crítico ou jornalístico; constituem também excepção convites de entidades para eventos que tenham um inegável interesse jornalístico (por exemplo, convites da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra para cobertura do Fórum AAC). Cabe à Direcção do Jornal Universitário de Coimbra resolver qualquer questão ambígua.



Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 - Coimbra
Tel. 239821554 Fax. 239821554
e-mail: acabra@gmail.com

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Directora Margarida Matos **Chefe de Redacção** Vítor Aires **Editores:** Rui Velindro (Fotografia), Olga Telo Cordeiro (Ensino Superior), João Campos (Cidade), Rui Simões (Nacional/Internacional), Sandra Pereira (Ciência), Bruno Gonçalves (Desporto), Bruno Vicente (Cultura), Cláudio Vaz (Viagens) **Secretária de Redacção** Sandra Ferreira **Paginação** Nuno Braga, Tiago Carvalho **Webdesign ACABRA.NET** Daniel Sequeira, João Pereira, Marco Fernandes, Tiago Gaspar **Redacção** Ana Beatriz Rodrigues, Ana Maria Oliveira, Ana Martins, André Ventura, Carina Fonseca, Helder Almeida, Helena Fagundes, Inês Rodrigues, Jens Meisel, Joana Nunes, Liliana Figueira, Marisa Ferreira, Marisa Soares, Marta Costa, Patrícia Costa, Paula Monteiro, Pedro Galinha, Raquel Mesquita, Ricardo Machado, Rui Antunes, Rui Pestana, Sandra Camelo, Sandra Henriques, Sara Simões, Sérgio Miraldo, Sofia Piçarra, Sónia Nunes, Soraia Ramos, Suzana Marto, Wnurinham Silva **Fotografia** Ana Maria Oliveira, Bruno Gonçalves, Carine Pimenta, Daniel Palos, Fausto Moreira, Freddy Miguel, João Madureira, Liliana Gonçalves, Martha Morais, Miguel Meneses, Rui Pestana, Sandra Pereira, Simão Ribau **Colaboradores permanentes** Andreia Ferreira, Cláudia Morais, Emanuel Botelho, Laura Cazaban, João Pedro Pereira, Kossaqui, Rafael Fernandes, Raphaél Jerónimo, Rui Craveirinha, Rui Maia, Tiago Almeida **Colaboraram nesta edição** Ana Rita Faria, André Tejo, Daniel Boto, Lurdes Lagarto, Juste Grizickaite, Rafael Pereira, Sarah Fernandes **Publicidade** Cláudio Vaz, Tiago Carvalho - 239821554; 938136447 **Logotipo** Omar Diogo **Impressão** CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem** 4000 exemplares **Produção** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade** Associação Académica de Coimbra **Agradecimentos** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

ARTES...

Cinefilia

A Descida / Neil Marshall

Abraçar as Trevas

Que limites de humanidade somos capazes de atropelar de forma a garantir a nossa sobrevivência?

Um ano após sofrer um trauma intenso, Sarah (Shauna McDonald) junta-se a cinco amigas para um fim-de-semana de espeleologia. Ao objectivo primário, recuperar o espírito de aventura e camaradagem do grupo, acresce-se o desejo que Sarah tem de se testar. Com uma surpreendente sensibilidade para o género "Survival"/Terror, o realizador Neil Marshall ("Dog Soldiers") orchestra subtilmente as emoções do seu sexteto de mulheres à medida que este evolui para dentro das entranhas da terra.





Iluminada parcamente, como o interior de um organismo vivo, a gruta explorada irá fechar as suas garras sobre as desesperadas mulheres. Assim, durante um segundo acto particularmente "stressante", que pela sua dinâmica recorda "Deliverance", de John Boorman, as mulheres irão tentar a todo o custo sair com vida do labirinto subterrâneo. Através de uma música que invoca o tema de "The Thing", de Carpen-

ter, e uma realização que amplia a sensação de claustrofobia, por recorrer a planos cerrados, Neil Marshall consegue instalar o mal-estar no seio da sala de cinema.

E, quando parece impossível aguentar mais, entram em cena os habitantes locais. Segue-se uma orgia de sangue e violência, onde fica por esclarecer quem é o mais selvagem e quem é o mais civilizado. Biologicamente credíveis, os seres do escuro que povoam a caverna são potenciais reflexos da nossa natureza desviante e animal, que só precisa de uma desculpa para se revelar.

Por fim, o custo da integridade física poderá ser demasiado elevado, resultando numa arrepiante conclusão de niilismo, em que à protagonista só resta refugiar-se nas trevas da loucura.

Raphaël Jerónimo sala_escura@hotmail.com

Rafael Fernandes	
Laura Cazaban	
Raphaël Jerónimo	
Rui Craveirinha	

O Libertino / Laurence Dunmore

"Do you like me now?"

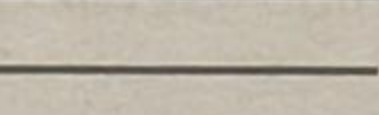


"O Libertino" é John Wilmot/Conde Rochester, interpretado por um Johnny Depp versátil, que vive entre poemas soltos, embriaguez constante e o prazer fácil. Numa Londres do século XVII, impregnada pelo vício, pecado e luxúria, John vagueia sem rumo aparente. É num teatro que se apaixona por uma jovem actriz (Samantha Morton) e nele apresenta a sua obscena peça teatral, onde critica quem a tinha encomendado, o rei Carlos II (um solene John Malkovich), o que irá conduzir, de certa forma, à ruína do poeta.

Laurence Dunmore estreia-se como realizador e mostra-nos um filme que exagera, sem necessidade, na componente sexual. Os seus maioritariamente grandes planos demonstram um certo facilitismo na construção da relação com o espectador; é um modo brusco e típico de telenovela para nos forçar a mergulhar na história. A utilização da "unsteady camera" e da imagem desfocada, além de confundir o

espectador, acaba por ser uma técnica despropositadamente contemporânea, criando um contraste nada conveniente num filme deste teor e que remonta àquela época. A banda sonora não faz jus ao nome de Michael Nyman.

Apesar destas e outras pequenas falhas, "The Libertine", num tom por vezes deliciosamente irónico, quer, e consegue, passar uma mensagem, apesar duma narrativa pouco sólida e de uma aparente superficialidade. O que é a realidade, o que é a ficção? O que as distingue? Qual se prefere? Uma bela mentira ou a verdade dilacerante? Uma rua imunda ou uma cabeça de alfinete que faz lembrar anjos? Wilmot não terá qualquer preconceito em mostrar crua e nuamente a sua resposta à sociedade e, no fundo, à vida...um filme minimamente cativante se estivermos resolvidos a ler-lhe as entrelinhas.

Cláudia Morais

Jorge Vaz Nande	
Rui Craveirinha	
Cláudia Morais	

Zeros e uns

2006: o ano da maçã?

A Apple apresentou recentemente dois computadores que já possuem processadores Intel: o portátil MacBook Pro e o novo modelo da gama iMac. A aposta da Apple em abandonar os seus históricos processadores IBM parece ter sido ganha. A imprensa especializada está cheia de análises favoráveis, que atestam a superioridade dos novos computadores e do software da Apple redesenhado para correr em Intel. Poderá isto significar que a Apple vai conseguir morder mais uma fatia do bolo da Microsoft?







A empresa de Bill Gates não tem mostrado sinais positivos nos últimos tempos. O Windows Vista, que deverá ser lançado por volta do Natal, sofreu significativas alterações em relação ao plano original, apresentado em 2003. A decisão de lançar o novo sistema no final do ano acabou por fazer com que a Microsoft abandonasse algumas das características que tencionava implantar, entre as quais um novo sistema de ficheiros. Neste campo, a Apple, com o seu Mac OS X Tiger, marcou pontos no final de 2005, altura em que este recebeu vários galardões de melhor sistema operativo.

A Microsoft, no entanto, tem os pés bem firmes no terreno do software. A Apple sabe disso e acordou recentemente, por um período de cinco anos, a continuação do Microsoft Office para Mac. Além disso, anunciou também que nada fará para impedir que os utilizadores instalem o Windows em Mac's. A jogada é inteligente. Para conquistar mercado, a Apple precisa de ter software de qualidade para o seu sistema operativo e o Microsoft Office é largamente superior ao Apple Works. Por outro lado, permitir a instalação de Windows em Mac's nem sequer belisca a empresa. Os Mac's são vendidos com sistema operativo incluído e serão muito poucos – eventualmente, só os curiosos e entusiastas – que se darão ao trabalho de tentar instalar o Windows quando têm um computador pronto a usar com aquele que muitos especialistas já chamaram o melhor sistema operativo do mundo. Pior será se a nova versão do Tiger para Intel for pirateada e passar a correr em PC's...

Em Portugal, a Apple tem conseguido atrair compradores à custa do popularíssimo iPod e houve também, recentemente, uma pequena febre em relação aos iBooks. À medida que a tecnologia se torna de uso quotidiano, as pessoas deixam de querer apenas computadores (ou leitores de MP3, ou o que quer que seja...) – querem objectos de design cuidado e que se adaptem a um estilo de vida que idealizam sofisticado e urbano. Quando até as relações sociais são cada vez mais dependentes de um computador (o VoIP tem tido um sucesso razoável e o "instant messaging" explodiu nos últimos tempos), um computador cinzento com um sistema operativo de estética descuidada (os themes do WinXP são globalmente mal conseguidos) é tudo menos apelativo. E este é o terreno da Apple.

João Pedro Pereira - joaopedropereira@gmail.com

Comentários e críticas podem ser deixados em <http://engrenagem.jppereira.com>

A evitar 	Fraco 	Podia ser pior 	Vale o bilhete 
A Cabra aconselha 		A Cabra d'Ouro 	
Todas as críticas em acabra.net .			

No ouvido...

The Strokes: Más Impressões da Terra

Quando os Strokes apareceram com o seu primeiro disco, "Is This It", foram aclamados pela crítica e apelidados de salvadores do "rock'n'roll". Tornaram-se numa das mais bem sucedidas bandas nova-iorquinas em todo o mundo.

Antes de lançarem "Room on Fire", gerou-se uma enorme expectativa em torno de como seria o difícil "segundo capítulo" da banda. A verdade, contudo, é que "Room on Fire", embora considerado um bom disco, não atingiu a fasquia de "Is This It". O mesmo acontece com o acabado de editar "First Impressions of Earth".

Gravado e produzido durante 2005, no estúdio da própria banda, por David Kahne, conhecido pelo trabalho com Cher e Paul McCartney, este terceiro disco representa uma nova etapa na carreira de Julian Casablancas e colegas. As composições são mais diversificadas, a produção está mais arrojada, mas o resultado final não é satisfatório. "First Impressions of Earth" é um disco longo, com a mesma duração de "Is This It" e "Room on Fire" juntos. É composto por 14 temas, alguns deles bons, outros aquém daquilo a que os músicos nova-iorquinos nos habituaram.

Como parceiros musicais, os Strokes estão mais seguros. As guitarras andam em "duelo" constante, o baixo e a bateria estão mais precisos. Só a voz e as letras é que revelam algum cansaço.

Na primeira metade do disco, canções como "You Only Live Once", "Razorblade", "Juice Box" ou a belíssima "Heart in a Cage" mostram-nos uns Strokes em grande forma. A fazer lembrar os (bons velhos) tempos de início de carreira.

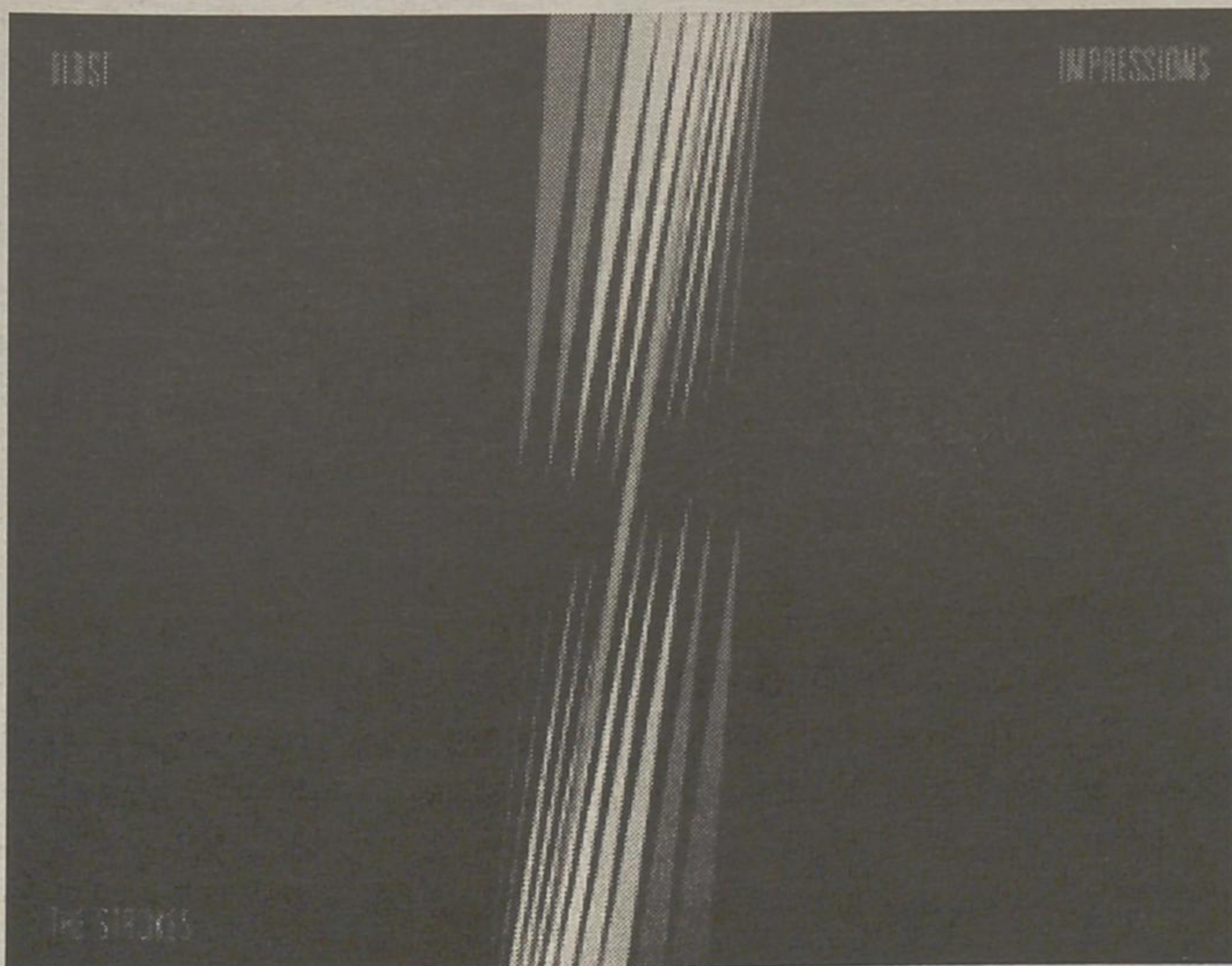
O inverso acontece na segunda metade de "First Impressions of Earth": as canções são desinteressantes e aborrecidas, como se os Strokes se estivessem a imitar a eles próprios. Como acontece em "Ask Me Anything", em que Casablancas surge a solo, acompanhado apenas por "mellotron" e cordas. O refrão é desolador, com um "I've got nothing to say" repetitivo e sem fim. Em "On The Other Side", o ritmo é uma espécie de "reggae-indie" desagradável e embaraçoso. A entrada gótica "Electricityscape" mostra-nos uns Strokes que tentam inovar - em vão. "First Impressions of Earth" é um disco difícil, sem orientação. É mais um conjunto de canções do que propriamente uma "obra conceptual", como os autores queriam que fosse.

Ainda não foi desta que superaram "Is This It"...

Rui Maia

The Strokes
"First Impressions of Earth"
Clean Feed, 2005

8/10



À cabeceira

Prosa Completa
Woody Allen
Gradiva, 2005 (3ª ed)

10/10

Give me a break!

Depois de longos anos à espera de nova edição das obras de Allen Stewart Konigsberg, vulgo Woody Allen, que não deve gostar da terra natal de Kant - ou do próprio Kant -, que se encontravam esgotadíssimas nos escaparates portugueses, podemos agora encontrar com facilidade uma compilação, pela Gradiva, das três obras de Woody Allen, "Sem Penas", "Para Acabar de Vez com a Cultura" e "Efeitos Secundários". Apesar de já ter partilhado convosco algumas impressões sobre "Efeitos Secundários", é incontornável não sublinhar esta compilação que, lançada em 2004, já conta a 3ª edição.

Não fará sentido uma apresentação biográfica e cinematográfica de Woody Allen, que recentemente nos visitou e cujo último filme está em exibição, mas será de referir que completou 70 anos no último dia 1 de Dezembro e que o seu humor acutilante e desconcertante continua em alta.

Amado por uns, quase odiado por outros (e perdoem-me o "cliché"), o humor de Woody Allen atinge os píncaros na sua escrita, onde nos podemos demorar sem que o cansaço nos assalte e cujas histórias permanecem em nós como episódios fílmicos, qual escudo contra a mesmidade dos dias.

Com uma escrita desconcertante e humor quase "non-sense", ler Woody Allen, apesar de não ser uma obra que entre nos cânones do que é considerado literatura pura e dura (seja lá isso o que for), implica alguns conhecimentos da cultura literária em geral, de molde a compreender, na sua plenitude, a acutilância do seu humor.

Os temas que regem estas três obras são os recorrentes nos seus filmes: a condição humana nas suas idiossincrasias e vulnerabilidades; a sociedade ocidental nas suas contradições; e a cultura, seja literária (desde os gregos aos contemporâneos), filosófica ou no contexto das artes plásticas. Todos estes temas estão presentes em todos os episódios destas três obras e, por isso, devemos esperar que, por exemplo, a questão sobre a existência de Deus tenha que ver com a falta de canalizadores ou que a leitura de Dostoiévski estabeleça paralelo com a leitura de uma revista de dietética.

Uma obra fundamental de um dos grandes génios do nosso século, que não se toma muito a sério... ou que se toma demasiado a sério ao ponto de brincar consigo mesmo. Imprescindível para uma pausa em dias mais atribulados de exames, ainda que obrigue à disciplina de não ler o livro de um só fôlego.

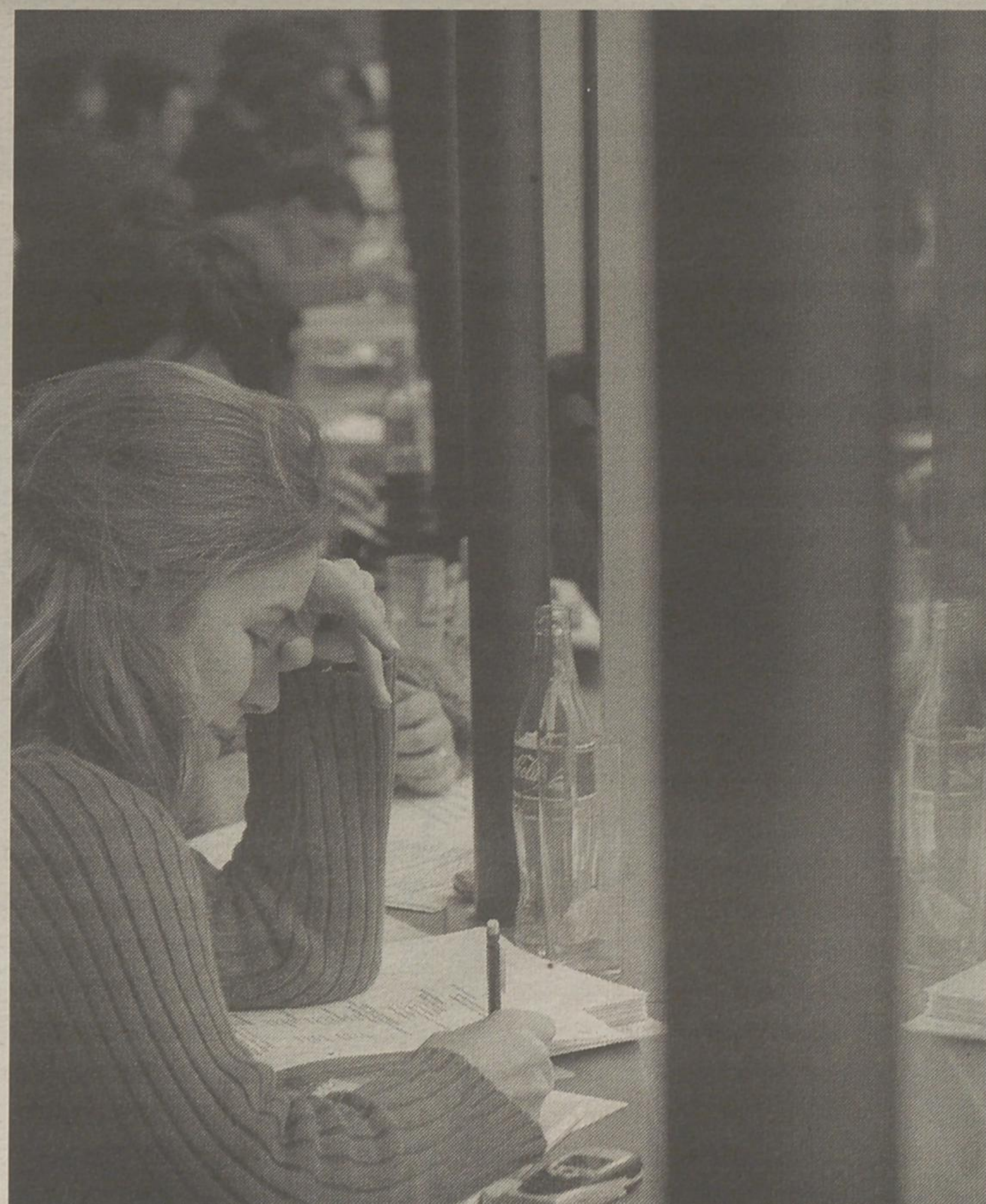
Andreia Ferreira

1000

PALAVRAS

MARTHA MORAIS

"Num universo onde as palavras cada vez mais se atropelam umas às outras, a poluição escrita e oral são uma triste evidência, como último reduto resta-nos a consolação de que uma imagem, felizmente, vale bem mais do que mil palavras que não são as nossas" Patrícia Bettencourt e Melo



FEITAS...

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA

Redacção: Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 Coimbra
Telf: 239 82 15 54 Fax: 239 82 15 54

e-mail: acabra@gmail.com

Concepção/Produção:

Secção de Jornalismo da
Associação Académica de Coimbra

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra



PUBLICIDADE

ACADÉMICA PASS

Inclui o cheiro da relva,
os cânticos das claques,
e todas as emoções
de um jogo ao vivo,
a época inteira.

Tenha um Cartão de Sócio com 3 mensalidades, um Bilhete de Época 05.06 e um Vale de Compras do Jumbo no valor de €10. E habilite-se ainda a um magnífico Hyundai Atos e a uma Viagem à Madeira.

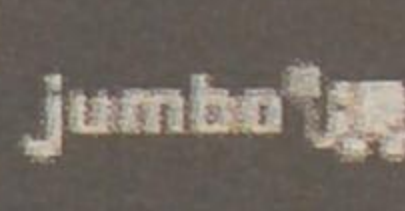
Por apenas
€40



Viva o futebol ao vivo.



Finibanco



tbz